

Saúde Trabalho Justiça

Poemas longos e curtos

Ensaaios e tentativas

Luíz Carlos Fadel

Copyright© 2013 Luiz Carlos Fadel

Revisão e edição: Luiz Carlos Fadel

Produção gráfica: Leonardo Santos

1ª edição em janeiro de 2013

108p., 22cm.

ISBN 978-85-914747-07

Impresso no Brasil

2013

Todos os direitos reservados ao autor

E-mail do autor: elfadel@globo.com

Índice

Prefácio – Eguimar Chaveiro	5
Apresentação	7
Cântico da Orfandade Sanitária	9
De que ciência se trata?	11
Poema em haste	12
Homens engravatados	13
Pão e Pai	14
Estátuas Vivas	15
Poema Epistemológico da Práxis Ergonômica	17
Poema de Raiz	21
Inverno	28
Dois poemas sobre o trabalho	29
Meu amigo, por que existe injustiça?	42
Poema longo sobre a justiça	43
Estilo	46
As meninas da Lapa	47
Uma etnia em movimento	49
Dignis	50
Branca de Neve, os sete anões e a Vigilância Sanitária	51
O garçom, o bêbado e o ergonomista	55
Ensaio tanguero sobre a questão do banimento do amianto	67
Despertar	82
Um Rábula em Apuros	83
O menino que queria mudar o mundo	93
Rir	96
A peleja entre o Satanás e a Mulher Guerreira	97
Canto livre sobre sujeito e objeto (para chegar ao sujeito sanitário)	99
Opção	103
Peitos	105
Gente	106
Declaração Universal de Direito ao Amor	107



DE ONDE SAI O PÃO?

Eguimar Felício Chaveiro

Ao invés de LUIZ CARLOS FADEL, num único jogo de paradoxo, sintetizo e exagero: chamo-o FADELÍSSIMO. É bem possível que a estratégia carinhosa ao modo superlativo com que refiro ao meu grande amigo tenha outro sentido: de Fadel para fadelíssimo transcorre a mutação da pessoa ao poeta. O sumo pode ser: fadelíssimo é o Fadel em forma poética. Uma pessoa multiplicada no único. A sua forma exuberante de intensificar o seu olho, o seu gesto, o seu coração, o seu desejo e a sua consciência no tempo em que vive. Fadelíssimo é o grau máximo de Fadel. Pelo verso Ele se diz – e diz o mundo em POEMAS LONGOS E CURTOS, EM ENSAIOS E TENTATIVAS...como é o caso desse livro.

Há então que perguntar DE ONDE SAI O PÃO? Ou aglutinar a operação orgânica de sua vida de militante, médico, professor, ensaísta, pesquisador, trabalhador na tríade SAÚDE, TRABALHO E JUSTIÇA. Trata-se de enfrentar “os pareceristas raivosos com uma *erudição* que desconsidera a alma humana”; trata-se de empenhar na liberdade da expressão – e enfrentar, igualmente, o formalismo acadêmico, o bom-mocismo que impera em todos que escondem a sua própria palavra, o seu próprio sangue, a sua cor, o seu tempo.

Transformar a versaria em mote de enfrentamento é tapeçaria contínua de fadelíssimo. O que aparentemente pode ser inútil, diante dos seus olhos, torna-se causa estética, rebelião de suas rimas, feição de sua ternura. Daí, ao usar o verso para pensar as situações dos SUS, para conduzir o pai da criança cega a dizê-lo “que o sofrimento dos homens...nunca sai” ou para inserir a justiça na “dialética da tragédia humana”, poesia torna-se lição: faz-se poemas para entrar na realidade, não para escapar; poesia é forma de adentramento, não de escapatória. É jeito de posicionar sentindo, não de fugir negociando.

Talvez seja este tipo de poesia dentro da qual se inscrevem diferentes formas e expressões da linguagem humana, como o verso lírico, a estrofe interrogativa, a superposição de imagens, o cordel engajado, o poema teatralizado, a entrevista ficcionalizada, o ensaio sintético que pode levar o campo da estética a fundir-se com o da crítica; e fazer dessa fusão um modo de o poeta se transformar num assaltante de situações. E num doador de órgãos. Ou de piano.

A irreverência, a ironia, o humor, a candura, a ternura e a homenagem vão, na cauda dos versos, esculpindo os dotes do enfrentamento. E é por isso que Luiz Carlos Fadel, ele mesmo, o Fadel, não o fadelíssimo, junta nos bares

restos de humanidades, faz experimentos solitários com memória de Garrincha, põe bolero na cerveja, declara amor aos amigos, entra fundo na alma feminina, louva as grandes lutas humanas, se irmana aos apaixonados, chora junto, ouve gente sem rumo, cospe no paralelepípedo e doa ao fadelíssimo a matéria prima da humanidade. E assim sabe dos limites invencíveis das células e dos deslimites possíveis das metáforas. Viver é armadilha e brinquedo, poesia é brinquedo e armadilha.

Assim, a arte como sendo a real boca do povo entranha o engenho total das coisas e das situações e se põe contra o dilúvio de imagens do besteiro corriqueiro das superficiais propagandas que mercantilizam tudo; ou do credo limitado dos esquemas acadêmicos com o seu status de gravata sem sangue e sem cor; põe-se contra as mentes assoladas de informações, contra a instabilidade emocional elevada à potência máxima como o terrorismo das bolsas, a beligerância das guerras, a ação do dedo no botão do controle remoto. Poder-se-ia dizer: fiel a este mundo há uma subjetividade montada na injustiça, no adoecimento, na vulnerabilidade. Contra este tipo de subjetividade não há outra maneira a proceder: é dotar o verso de poder insurrecional estético.

Ao assinalar a poesia como gesto de adentramento e de enfrentamento – e a sua arte como lembrança da dimensão humana do ser, Fadel e fadelíssimo se tornam uma única realidade: aquele que ouve o filho cego perguntar ao pai DE ONDE SAI O PÃO. O pão vem da mão calejada; o sofrimento nunca sai – e a alma humana existe para aprender o gesto da coragem para sentir tudo e para dizer o que se sente em função de um necessário amor pela liberdade. E fica declarado: “o amor é o sentimento mais fundamental da existência humana”.

Goiânia, dezembro 2012

Apresentação

Este pequenino livro une alguns desejos inconclusos. Primeiro, o de não perder a preponderância da poesia em minha vida, mesmo que ao tratar de temas com os quais lido na minha vida acadêmica, como esses saúde, trabalho, justiça. Também o de seguir refletindo sobre as relações entre a saúde e o trabalho e a injustiça que lhes cerca ao longo dos tempos, registrando minhas reflexões de uma forma que a linguagem acadêmica não comportaria sem traumas. E ainda o de tratar pela linguagem livre da poesia e da prosa poética o mesmo conteúdo que o texto acadêmico traz, mas traz tolhido e tímido. Restringido por bibliografias “necessárias” e por comitês de “ética” inquisitórios, nossos textos acadêmicos, especialmente na área das ciências sociais, ficam sujeitos muitas vezes a pareceristas raivosos e com uma “erudição” que desconsidera a alma humana no trato de questões onde impera a injustiça, caso da relação saúde-trabalho. Além disso, a adoção de uma lógica mercantil na produção do conhecimento, a que hoje estamos sujeitos nas instâncias acadêmicas de pós-graduação, sempre “em nome da ciência”, nos faz pensar: qual ciência? Para que ou para quem? Menos sujeitos a isso estão talvez os poetas. Se essas coisas são em função da regra, viva a poesia, pois na poesia a regra é dar vida ao papel com a expressão do desejo. E o desejo, em matéria de saúde, trabalho, justiça é expressar indignação, novas formas, outros caminhos, violar o bom-mocismo literário ungido pela “regra científica”. Mas, evidenciados esses desejos inconclusos, me perguntei: isto é suficiente para publicar este livrinho e suas inconclusões?

Surpreendido em minha auto-armadilha interrogatória, comecei a me deparar com um sem-fim de respostas inconvincentes. Me peguei, sô. Só. Desrespostado, longe estou de tentar explicar. Um capricho, um registro, um recuerdo, uma prenda, alguns tributos? Pois que cá há muitas coisas novas mas, principalmente, muito antigas.

Muitos talvez justificariam minhas desrespostas, mas para não me estender além do que já ultrapassei, há uma resposta singela: este livro é para meus alunos e, como está na moda, alunas. Sem este livro eles e elas conheceriam das coisas que escrevo somente o meu lado tutelado por uma ordem que ainda não foi capaz de mudar seus alvos preferenciais. Sem ser uma diatribe, este livro é para eles e elas, com todo o carinho.

Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos

Rio de Janeiro, 10/12/2012



Cântico da Orfandade Sanitária

Para Antonio Sergio da Silva Arouca

Ao que se define como vago,
Como uma cadeira vazia,
Na mesa em que deveria estar alguém,
Presume-se um claro movimento
De preenchimento

Ao que se esboça como falta,
Como uma saudade,
Ao cair da tarde,
Vislumbra-se uma identidade
De serenidade

Ao que se assume como perda,
Como um pedaço que se vai,
Flanando numa correnteza,
Emerge além da solidão
Um sentimento redivivo de indignação

Ao que se sente como ausência,
Como uma voz na lembrança,
De um canto revolucionário,
Efervesce uma consciência clara
De resistência sanitária

Que nos sabemos órfãos, sabemos pois
O que, mais que nos impede, impulsiona-nos
Para uma jornada a mais
De campanhistas do futuro
Preventivistas contumazes
Utópicos reformistas
E permanentes SUSistas

Em cordões solidários
E blocos coletivos
De carnavais sanitários – folias cidadãs,
Em meio a bate-bolas hospitalocêntricos,
Fantasmas medicalizantes, que tentam
Espantar nossa utopia
De ainda ver a grande folia
Do povo brasileiro cantar a melhor forma
Do canto da reforma

Marchas de universalidade
Sambas de equidade
Frevos de integralidade
Maracatus de acesso
Cateretês de controle social

Como num processo hierarquizado
E descentralizado
De uma Escola de Samba
Cujo enredo é puxado por uma espécie
De Jamelão Rhalah Rikota de voz rouca

E o tema:
A ROUCA voz que não cala na avenida

e

Empurra o cordão sanitarista,
Pela pista,
Para ganhar de uma vez por todas o carnaval de nossas vidas.

03/08/2003

■

DE QUE CIÊNCIA SE TRATA?

Se é das ciências que se faz a comprovação do fato objetivo,
capaz de gerar mirabolantes teses
e sustentar frenéticos paradigmas,

Didonde sai a legitimação do fato subjetivo que acomete o
sujeito acometido pelo objeto do desejo objetivo?

De que matemática sai o número três de terno e ternura?

E de que medicina sai a cura de dor de amor?

De que sociologia emana a razão de se estar só no cio?

E de que economia emana o eco do nome ausente?

De que cibernética flui o arrepio?

E de que antropologia flui o desamor tribal?

Há química que explique a necessidade de salivar na boca do
ente amado?

Há física que justifique corpos paralelos que se encontram no
infinito da paixão?

Há astronomia que conte mais estrelas do que se conta no céu
da boca de quem se ama?

Por certo que não há agronomia que agrimensione melhor que os
nossos olhos o latifúndio do corpo amado.

Como não deve haver oceanografia mais perfeita que a das
nossas línguas em navegação pelos oceanos da paixão.

Só a botânica chega perto da verdade científica, ao nos
revelar que no amor, quando não viramos árvore frondosa,
tornamo-nos folha seca levada pelo vento da saudade...

06/03/2003

poema em haste

Fazer o poema não é o problema
O problema é fazer a haste do poema

Como flor,
Todo poema em haste se sustenta
Se bandeira, então, em mais haste, ainda,
deve o poema sustentar-se
e Se lhe é dado o infortúnio
de ser sustentação ele mesmo,
de algo qualquer que seja,
deverá estar lá a haste a sustentar-lhe ele mesmo para
que o poema sustente o algo qualquer que seja

o Poema em si é fácil de fazer,
porquanto já está lá mesmo feito,
como sempre esteve à espera de ser hasteado

o Problema, portanto, é a haste do poema ser feita a contento
pois a matéria de forjá-la se extrai do corpo do poeta
assim como o granito o mármore a pedra bruta
guarda em sua essência a criatura a ser surgida
a Haste do poema é o corpo do poeta
que se consome a cada poema hasteado
em flor bandeira ou algo sustentado

a cada poema desbasta-se o poeta em hastes permitidas
a cada poema estiola-se o poeta em hastes permissivas
e o poeta esvai-se em hastes
como fogo que se apaga enquanto aquece.

1997

Homens engravatados

Homens engravatados - o que terão na cabeça?
Será que sonham em tirar a gravata a camisa os sapatos
e ficar descalços
ou será que pensam em gravatas novas?

E, aliás,
P'ra que servem as gravatas dos homens engravatados?
P'ra que servem os homens engravatados?
Se é dos homens engravatados
que emanam as grandes decisões
de fazer o mundo cada vez pior.

Nunca vi um homem desengravatado, de chinelo ou sem camisa
anunciar o aumento do preço do leite, do pão, do ônibus,
do remédio, da escola,
do preço do caixão para enterrar filhos desnutridos.

São sempre homens engravatados que anunciam
a guerra, o desemprego e a renegociação da dívida.
E são homens engravatados que fazem a justiça ser tão injusta
a miséria ser cada vez mais tão miserável
e
gravatas serem cada vez mais sedosas e coloridas

1998



pão e pai

Donde sai o pão? Pergunta o filho.

Sai do trigo, responde o pai.

E o trigo donde sai?

Da mão, o pai responde.

Como é a mão donde sai o trigo? Pergunta o filho cego.

É calejada, responde o pai.

Pai, calejada por que?

Para amenizar o sofrimento dos homens.

E o sofrimento dos homens, por onde sai, pai?

Não sai, diz o pai, nunca sai.

agosto 2012



Estátuas vivas

Não sei porque, ao andar pelas ruas com olhos de observador,
espécie de turista casual, detenho-me, um pouco distraído,
um pouco inebriado,
a cada estátua imponente com suas formas de bronze,
ferro, mármore e granito.

Maravilhas esculpidas com primor em nos causar admiração, estupor.

Formas perfeitas curvilíneas, simetricamente combinadas,
esteticamente soberbas, e eu um idiota.

Idiota, se ao meu lado passam esculturas vivas,
magníficas estátuas animadas,
respirando, falando, rindo, cantando, pensando, chorando às vezes.
Estátuas encantadoras, moventes e anônimas,
a que chamamos pessoas e eu, um idiota.

Idiota, se não as observo detidamente,
se não as olho com admiração e estupor,
se não as vejo, mesmo quando sem querer as olho,
se não as considero como maravilhas ambulantes de
material de primeira – pele, ossos, músculos, pelos,
cavidades mágicas, relevos delicados,
se não as observo mais detidamente em suas preciosidades
recônditas – feições, rugas, sentimentos, viços, brilhos,
desejos, saudades.

Idiota, se não as compreendo, heróis e heroínas,
sem culto, sem posteridade, sem identidade histórica,
verdadeiras pérolas coloridas que compõem um
imenso cordão do mistério da vida.

Heróis e heroínas que, cada um à sua maneira, nos possibilita a todos e a
mim, um idiota, estar vivo ali, àquela hora, naquele lugar,
mesmo que sem olhá-las.

Um aqui, faz o pão, outra ali, colhe o trigo, uma lá é costureira,
outro lá é operário, um acolá é garçom, outra acolá é escultora de estátuas
de bronze, ferro, mármore e granito e eu, aqui, um idiota.

Pedreiros, motoristas, garçonetes, manicures, barbeiros,
mecânicos, escriturárias, advogadas, médicas,
enfermeiros, escritores, poetas, bombeiros,
paisagens ambulantes e eu, um idiota.

Idiota, enquanto eu não perceba que as pessoas
que passam ao nosso lado
são esculturas vivas que sustentam a construção de
nossa própria história.

20/02/2003



Poema Epistemológico da Práxis Ergonômica

Começa no pedaço de mundo,
onde a mão faculta ao gesto o acabamento do produto,
o objetivo de que se faz a ciência do gesto.

Mas,
se não o objetivo de que se faz a ciência do produto,
por que não?

Que fronteiras se demarcam entre as ciências do gesto e do produto?

Que oscilações oscilam entre um objetivo e outro,
que indecisões empurram para um lado ou outro
a cabeça sã do artista e a cabeça vã do cientista,
que ideologias contaminam a opção?

Se tem no traço gestual a marca do sofrimento humano,
eis aí a ciência do gesto.

Se tem no design do troço, a marca do consumo humano,
eis aí a ciência do produto.

Se dá fadiga, cansa, preguiça, mandinga, bobagem, piração,
a desilusão do gesto,
eis aí a ciência do gesto.

Se dá prêmio, energia, vontade, força, promoção, permissão,
a ilusão do produto,
eis aí a ciência do produto.

Que será de diferente na estética entre dois belos tão desiguais:
gesto e produto?

Será porque um é causalidade, outro casualidade, e qual é o quê?

Será porque um é finalidade, outro fim,
um é objetivo, outro objeto,
um é desígnio, outro design,
um é destino, outro destinação?

Talvez de cada movimento que compõe um e outro

- gesto e produto -

trajetória, conteúdo, forma e anatomia,
possa se extrair o porque se são tão inseparáveis,
porque são tão separáveis.

Do gesto que faz dos dedos bailarinos,
aos acordes da emoção,
dançar o balé expresso da razão,
tem-se o movimento do mundo retratado
- sua expressão mínima -
marés e maremotos, água e fogo, vulcões, furacões,
cheiro de mato, canto de bem-te-vis, riso, choro,
nascimento e morte.

Do gesto que enseja o acabamento do produto
tem-se a síntese da trajetória humana
- sua expressão mínima -
a clava, o ferro, o primeiro grito, a linguagem, a primeira traição,
o primeiro tombamento e todos os subseqüentes,

a guerra, a paz, a guerra, a paz e,
finalmente,
a guerra, a paz, a guerra, a paz...

Do gesto, ainda, e derradeiramente,
tem-se a forma de ser executado.

O gesto executado...

...razão de ser desse poema e de toda a ergonomia.

Eis que porque sempre poderia ser melhor, e sempre poderá,
não há poema ou ergonomia que desvende este mistério.

E eis que o que sustenta essa ciranda sem fim

de nunca se chegar ao gesto perfeito

é a possibilidade

de se chegar todos os dias ao gesto aperfeiçoado.

E do produto e suas ciências decorrentes,

haverá mais do que as assemelhanças antes decantadas?

Ou se são da mesma ergonomia serão versos de um mesmo poema?

Ao produto falte,

talvez,

o movimento do mundo retratado

- sua expressão máxima: razão de todas as guerras -

talvez lhe falte, também, em generosidade do resultado,

o que lhe sobra em generosidade do resultado:

não pertence a quem lhe concebeu o gesto

e

pertence a quem não lhe concebeu o gesto.

E eis que, mais que derradeiramente,
ao produto
e a toda ergonomia a ele conferida,
falta o que há de mais definitivo num poema desse objetivo:
o gesto produz um produto demasiado e, quiçá,
suficiente para todos os propósitos,
o gesto humano em si mesmo.
Eis o produto!
(que em si mesmo mantém a vida acesa)

junho de 1996



Poema de Raiz

É difícil fugir dos temas específicos a que hoje me dou
teimosamente
de crimes de dor de sofrimento.

Já faz alguns momentos
de tão largos
enrugados
em que me dava ao prazer sereno de falar de estrelas
qual fossem musas
e da lua
como se para mim se iluminasse.

Sobrava amor
tal quase agora falta
e sobrava
dentro fora e arrabaldes.

Olhar o mar era olhar os olhos da amada
olhar o céu era penetrá-los.

E a criança que ainda em mim havia
extraía da poesia da namorada
apenas a poesia da namorada.
Na forma ingênua de enfeitar o mundo
havia
sim
um quê de alienação
mas que supunha
embora involuntariamente
evitar-me o estigma da resignação.

— | |
Não mudei eu
nem mudou o mundo.

Nascemos ambos
como somos
mundanos
perversos
intoleráveis
apesar de para uns e outros
disfarçados.

Já e há muito
não nos cabemos.

Tornamo-nos desnecessários
embora
teimosos
continuemos
(vai que vamos por assim dizer continuando)
e eis que ressalta
permanentemente:
o que sobra?
o que dilata?
o que germina?
além de crimes de dor de sofrimento?

Estrelas continuam sendo musas
mas ora! que já não são
e nunca foram mais que estrelas.

A lua teima em para mim iluminar-se
mas pudera que será sempre
e já não tem meus versos.

De mar de céu de resto furamos
eu e o mundo
os olhos da amada
e os olhos da amada.

E os olhos da amada
agora e para sempre estão furados.

Tem tantas mãos tatuadas por meu corpo
tantas quantas mãos tatuadas no corpo do mundo.

Mãos de fome.
Mãos de súplica e de suplício.
Mãos de miséria e de miseráveis.
Mãos de desespero.
Mãos tantas de mazelas
que as
mãos
de amor já nem as tento
muito menos o mundo saberá tentá-las.

Mas em que forma suavizada ponho a camuflar-me que
se não me abatem
toleram-me
e até me afagam?
Eu que sou a raiz da quintessência
da maldição da vida.

Será a minha forma camuflada
feita à semelhança
da forma que camufla o mundo?

Imundo mundo -
- raiz da quintessência da maldição da vida.

Sair aos quatro cantos por aí berrando
trará pouco em resultados
pois ao mundo
de tantos berros machucado
em nada isto lhe vem adiantando.
Sussurros que do amor são patrimônio
nem precisava dizer
em nada nos mudará a trajetória
- a mim e ao mundo -
nós que somos a raiz da quintessência
da maldição da vida.

Os séculos e séculos que estão aí
na nossa cara derramados
são a prova decisiva
de que não mudam
mesmo que tentassem
nosso rumo para o vil e o abjeto.

Cada grão plantado
colhido e consumido
cada tijolo construído
e transformado em abrigo
cada tecido fabricado
ajustado e vestido
cada couro curtido
cortado e calçado
tem atrás de si hordas e mais hordas
de explorados
e explorados
escravos servos operários
vai mudando o nome

que é o fruto do progresso
mas não muda
a raiz da quintessência da maldição da vida -
- de crimes de dor de sofrimento.
Como se houvesse dívida a ser paga
pela dádiva hedonista de poucos muito poucos
pagam todos
inocentes quase todos.
E é tanto quase que parece tudo.

Não são poupados
nunca foram
crianças
bebês
índios acossados
negros acorrentados
grávidas famintas
mutilados
homens idealistas desarmados
heróis pelas costas
homens dignos em pleno sono
trabalhadores em seus postos
jovens soldados enganados
pelo contrário
são as preferidas vítimas.

Em nome de quê -
- se ainda cabe perguntar -
em nome de quê?

Existem perguntas que não têm respostas
já o sabemos desde sempre.
Tanto é que inventaram
deus

deuses
divindades
p'ra responder a essa
e tantas outras
que sabemos desde sempre
não ter resposta.
Inventaram palavras absurdas
que só existem p'ra legitimar
a raiz da quintessência
da maldição da vida:

perdão
tolerância
paciência
esperança

e
resignação
(a minha predileta)
que se não carecesse sua existência
é porque o mundo
não seria imundo
a carecer de sua existência.

Mas ainda somos
até que o tempo nos redima
(se é que ao tempo é dado esta tarefa santa).

Enquanto não
escrevem-se tratados
antologias
teorias
mirabolantes equações
de melhorar o mundo.

E o que
se vê
se ouve
se respira
é a nova ordem
de crimes de dor de sofrimento.

Do que me coube
na partilha das desgraças
tenho
até o fim dos tempos
o bucho acumulado.

Do mundo então
ao que parece
não sobra espaço
p'ra guardar as sobras.

De qualquer forma
a saga relutante
de consumir o fato consumado
como se fosse possível degluti-lo
transfere a vocação transformadora
em cromossomos de adiantamentos
aos filhos
e aos filhos
de todos os filhos.

Daí se explica
a raiz da quintessência
da maldição da vida
cada vez mais proliferada
de crimes de dor de sofrimento.

05/07/1991

Inverno

No vagão cheio do metrô,
entre rostos cansados espremidos,
ela faz o seu crochê tranqüilamente.

Talvez um sapatinho de lã para o seu 5º filho.
Talvez um blusão para o seu marido que vai parar de beber.
Talvez uma coisinha qualquer p'ra somar
à minguada pensão de viúva.

Mas seja o que for,
vai agasalhar o frio de alguém como ela,
que tem no inverno a única estação do metrô.

01/08/1990

Dois poemas sobre o trabalho

Há dois poemas sobre o trabalho
- um curto e um longo -

Ambos simultâneos, entrelaçados, inseparáveis,
sendo o curto o que está posto, o que está dado, o que está,
e sendo o longo o que já esteve, o que é, o que será.

O poema curto é taxativo, direto, fotográfico.

O poema longo é explicativo, reflexivo, didático.

De ambos participo como pretense retratador,
mesmo sabendo difícil fazê-lo, ou mesmo tentá-lo.

Mas há urgência nessa escrita,
pois desde que decidi o intento
já se passaram dias e tantos morreram, ou, pelo que sei,
já se passaram meses
que perdi a conta de quantos morreram
e de quanta urgência há de que não mais morram,
antes que passem novamente os anos e mais anos.

No poema curto sobre o trabalho
há morte, sangue, infâmia;
no poema longo há valor de uso, valor de troca, mais-valia.

O poema curto sobre o trabalho
é o que por certo me tomará mais tempo,
porque é o poema onde o trabalho está,

o que se limita à dimensão finita do olhar,
o que vê o que se permite ver,
todo o drama e o suor e o sangue do corpo estraçalhado.
Me tomará mais tempo, o poema curto, não por retratá-lo,
mas por digeri-lo
a cada sucessiva realidade.

O poema longo sobre o trabalho é o lastro, a imensidão, a infinitude,
o que está por trás, o que lhe ocasiona,
o que lhe define,
o que lhe determina.

Tudo aquilo que não é visível ao olhar, ao coração, ao sentimento.

É, portanto, o poema longo, mais lento.

O poema longo sobre o trabalho é o trabalho em si, que, feito um poema,
transforma a palavra, dá-lhe sentido, desnuda a sua significância,
desmascara-a, enaltece-a, a endeusa e lhe abomina.

Me ocupará somente, o poema longo, de tentar retratar o trabalho,
como se estivesse tentando construir um poema.

O poema curto sobre o trabalho é direto, inflexível, severo,
perverso.

Nele não há senão.

Retrata a morte,
o acidente evitável,
a doença evitável,

a mutilação evitável,

a condenação (evitável) a que exércitos de trabalhadores
são submetidos todos os dias e todos os dias

de viver uma vida pelo meio após o acidente de trabalho,
mutilante, humilhante, indecente, infame.

O poema curto sobre o trabalho é
o que está posto, o que está dado, o que está.

É fim de linha para tantos.

No poema curto não há prosa, nem rima, nem trova,
apenas pólvora.

O poema longo sobre o trabalho é sutil, insidioso,

disfarçado

e, cheio de rimas,

acumulado

de histórias mal contadas que se o tempo gargalhasse

gargalharia por ver no trabalho a ironia

de servir tão somente à mão que lhe expropria.

Na minúscula ampulheta da aventura humana,

frente à imensidão do tempo que dura o mistério,

o trabalho é o antes e o plano;

o durante e os instrumentos;

o depois e os usufrutos,

que fazem do chão o trigo o pão a mesa e o seu sabor.

É o que faz, pela mão do homem, do chão, além do trigo,

o abrigo para o frio,

como faria uma margem para acolher o rio,

qualquer que fosse o rio.

O poema longo sobre o trabalho é um poema repleto

de histórias mal contadas

que se o tempo gargalhasse gargalharia
ao ver na corredeira histórica o trabalho virar mercadoria.

Um dia, não se sabe quando nem como nem onde,
da mesma forma que se extirpa a asa ao pássaro,
da mesma forma que se extirpa a guelra ao peixe,
da mesma forma que se extirpa
a visão de quem precisa ver,
o olfato de quem precisa cheirar,
o tato de quem precisa tocar,
a audição de quem precisa ouvir,
o trabalho foi extirpado de quem precisa do poema.

Não o poema do mito,
aquele que transforma deuses em árvores,
também não só o poema da razão,
aquele que transforma trabalho em valor,
mas o poema longo que transforma em deuses aqueles que fazem de
árvores
os objetos de sua justa serventia para mudar o mundo sem destruí-lo.
Mudar o mundo para trazer o riso à face de seus filhos
e dar abrigo aos seus anciãos.

Deuses que transformam a natureza para transformá-la em grãos e
transformarem-se eles mesmos em seus guardiões.
Deuses-obreiros de desfiar os ofícios como atos mágicos
de todas as transformações.

O poema curto e o poema longo, entremeados,

onde caberá ao leitor delimitá-los,
se assim desejar que seja o caso,
são feitos para distinguir
o falso do veraz,
o que cala do falaz,
o faminto do voraz,
o que se apropria daquilo que não faz
despojando aquele que o faz.

E mesmo que eu não seja capaz de deslindar as diferenças
entre o curto e o longo,
não haverá grande distinção em seu todo entendimento,
pois em ambos,
o trabalho e a humanidade que a vida congira
perdem-se no trabalho transformado em humana desgraça.

Assim, este poema longo sobre o trabalho,
entremeado do poema curto,
é constituído de quatro partes
e cada parte de tantas quatro partes quantas sejam necessárias.
Como na vida e natureza em quatro partes divididas, eis os poemas.

Gestação, Nascimento, Percurso, Morte;
Outono, Inverno, Primavera, Verão;
Sonho, Utopia, Indignação, Movimento.

Por nascerem juntos
Humanidade-Trabalho-Poema
há uma gestação anterior que lhes concebe.

Na humanidade, o fio que a tece em sua gestação,
emanado do mistério,
vai engendrando células, tecidos,
artimanhas genéticas sutis,
formatos corporais, extremidades, funções, sentidos,
sentimentos, potencialidades, possibilidades.
A pessoa cresce na barriga do poema e vai virando sonho humano,
distanciando-se de anfíbios, répteis e figuras mitológicas.

No trabalho, o fio que o tece em sua gestação,
desembaraçado do mistério,
vai engendrando meios ao seu redor
e constituindo formas de aprimorar o outono, o inverno,
a primavera, o verão,
ao transformar o sonho em pedra lapidada,
clava, fogo, ferro e domínio dos elementos.
O trabalho cresce na cabeça humana e vai dando sentido à própria vida,
distanciando-se de abelhas, formigas e aves de arribação.

No poema, o fio que em sua gestação o tece,
mergulhado no mistério,
vai engendrando palavras frases metáforas e hipérboles
na tentativa extrema
de conferir suavidade ao drama,
algo de belo à crueldade,
se o sonho é despido de resultado.
O poema cresce no sentido do trabalho
e vai sendo traduzido como indignação,
distanciando-se de perplexidades passivas que mantêm a cena incólume.

Ao nascer, a marca humana traduzida em corpo e alma
e toda a sua dependência dos antecedentes
se prepara pouco a pouco e pouco a pouco
para fluir a sua própria descendência.
Não passará, contudo, se lá não estiver a mão que embala,
o abrigo, o alimento, a perpetuação do sentimento.
Nasce, a criatura humana,
para que nasça o poema e,
para que não nasça em vão,
há trabalho na mão que lhe faculta.
E nasce a humanidade com a igualdade da mão que lhe faculta.
Não há desigualdade, pois, na mão que lhe faculta.

O trabalho, desse modo, nascente como algo que transcende,
enseja a mão que embala,
o abrigo, o alimento, a perpetuação do sentimento
que confere humanidade à marca humana.
Nascente na igualdade da mão que lhe faculta
não há desigualdade no trabalho.
O trabalho nasce para dar sentido ao nascimento humano.
A igualdade no trabalho é a marca de sua humanidade.

O poema quando nasce nasce pronto.
Apenas lhe será emoldurada a cena que o retratará.
Se inverno um frio lhe corre a espinha,
se primavera lhe escorrem flores,
se outono verão do que se trata.
E o poema longo sobre o trabalho será todo primavera se dele se retratar a
igualdade

ou
Ihe percorrerá um frio na espinha se do trabalho resultar
desigualdade.

Do percurso da humanidade se extrai a matéria histórica
que a dialética deslindará.

Caminhou a humanidade pelo trilho imposto
por sucessivas forças de dominação,
não para conferir mais correção ao rumo,
mas para extrair da força subordinada
a humilhação a escravidão a infâmia da servidão humana.

À morte restará o desfecho da glória ou da tragédia.

Se há humanidade no humano,
a vida é glória e a morte é serenidade.

Se não há humanidade no humano,
a vida é tragédia e a morte é desesperante.

A morte do humano na humanidade é o seu fim,
a certificação de seu fracasso.

A morte do trabalho humano é o fim da humanidade,
a certificação de seu fracasso.

A morte da humanidade no trabalho é o fim da humanidade,
a certificação de seu fracasso.

A morte do poema é a certificação do fracasso da palavra.

Então, parte por parte, o que é que move a criação destes poemas senão
responder às perguntas que de tanto e há tanto respondidas
tanto mais carecem de respostas.

I

O que é a humanidade, afinal, o que é humano, o que é que lhe define?

Poderia caminhar por tantas trilhas distintas,
se me fosse dada a faculdade de ser sábio,
mas por se tratar, o caso presente, de dois poemas sobre o trabalho,
o que é enfim a humanidade nesta perspectiva?

Humanidade é desejo, é capacidade, é amor, é deslumbramento.
Humanidade é perguntar e responder, é necessidade e suprimento,
é harmonizar a natureza interna à externa,
é associar-se e se reproduzir.

Quando há sobra do que não deveria haver,
é porque há falta em demasia do que haver deveria.
Por exemplo, o ódio, se falta amor em demasia, ei-lo.
Ou a ganância, se falta harmonia entre as naturezas.

Humanidade é produzir externalidades como suprimento das necessidades.

Humanidade é cultivar internalidades
como fonte do desejo, amor, deslumbramento.
Em todas pauta-se o trabalho como possibilidade de tornar
a humanidade capaz de viabilizar-se.
Não há matéria viva humana sem trabalho.

II

Então, que se responda, o que é o trabalho?
É a capacidade de tornar humana a humanidade.
Transformar a natureza externa em externalidades para
transformar a internalidade da própria natureza humana.
Trabalho é a mão que engendra na medida da natureza os
artefatos que constroem a humanidade.

Se há humanidade no trabalho, há humano na humanidade,
se o trabalho é inumano a humanidade é inumana,
se o trabalho é desumano a humanidade é desumana.

No poema curto, a humanidade é inumana no trabalho agrícola
quando da terra nasce a morte do agricultor,
não pela terra em si, mas por seu dono.
Trabalho é produção de bens que vão suprir as sociedades,
cujo valor humano está na capacidade de estatuir um valor de troca
com outros bens de todas as necessidades.
De um valor de uso a um valor de troca emanam
especulações que ensombram o humano da humanidade.
Transmutado em mercadoria,
do trabalho se expropria
sua autêntica propriedade.
Para cada multidões de trabalhadores
pequenas hordas de expropriadores.

No poema curto, a humanidade é inumana no trabalho industrial
quando da fábrica nasce a morte do operário,
não pela fábrica em si, mas por seu dono.
Quando as máquinas se multiplicam na intensidade incontrolável
da evolução tecnológica, o trabalho perde o elo de ligação com seu criador.
Criador e criatura se apartam,
como se aparta um peixe do mar
ou um pássaro de seu voo.
Operários se reproduzem, não mais para proliferarem a humanidade,
mas para reproduzirem a iniquidade que lhes faz tombar no poema curto.

No poema curto, a humanidade é inumana no trabalho de construção
quando da estrutura nasce a morte do operário,
não pela estrutura em si, mas por seu dono.
Assim posto, não há trabalho sem poema.

III

Então, que se responda, o que é o poema?
Poema é a semente na mão do agricultor,
acariciada e cuidada em seu berço-terra,
velada pelo olhar atento,
crescendo em fruto ao saber do vento,
até ser colhido no certo momento,
e na mesa posta verter-se em alimento.
No poema curto há um desfecho funerário
quando o homem agrário se ajoelha ao latifundiário.

Poema é a árvore na mão do marceneiro,
cortada na forma certa, que se fosse um pandeiro,
entonaria o ritmo certo,
mas ao esmo da necessária cortada,
vai ser transformada em mesa, casa, pá, enxada.
No poema curto o artesão da madeira
sob o ritmo incontrolável da serralheira
ensurdece e morre aos poucos de poeira.

Poema é o minério extraído do mineiro,
de seus olhos castanhos estranhos estanhos,
do ferro de seu braço a matriz do aço,
de seu afinco o zinco,
de seu corpo em declínio o alumínio,

de seu esforço bruto o bismuto,
de sua dignidade e do silêncio de seus ais
todos os demais metais.
No poema curto quanto mais desce à mina o trabalhador
mais encontra a escuridão
donde emerge sua dor
de respirar sem pulmão.

Poema é o tijolo na mão do operário,
que um a um, em seu labor diário,
vai dando forma a toda construção
e sendo estigmatizado como otário
pela parte que lhe cabe da edificação
de toda a exploração.
No poema curto o malabarista do andaime improvisado
passa ano a ano equilibrado
até cair e se tornar culpado.

Poema é o desdém com a mulher trabalhadora
que se desdobra em duas três e segue avante,
como mãe como amante como escora,
sustentando o sacrifício do ofício
para impedir que sua prole vire escória.
No poema curto além de objeto, como é tida,
a mulher trabalhadora é desprovida
de seu mais fundo afeto
ao ser tantas vezes impedida
de dar continuidade à vida.

Poema é, enfim, buscar na força da palavra,
a essência da força de trabalho,
dar-lhe algum sentido que não seja apenas
o lucro obtido de alheias penas,
vestir com a palavra farsa, sem moderação,
a palavra falsa da dominação.

IV

Mas não cabe ao poema tão somente,
por se tratar de sonho e utopia,
desfiar-se num rosário de lamentos.
Se de carne e osso faz-se gente,
e se após cada noite faz-se o novo dia,
é das bocas que sopram novos ventos.
Desse modo, do poema de contemplação
ao poema da indignação,
legado desse novo vento,
cabe aos que sonham um tal estranhamento
de se rebelar contra esse passivo encantamento
e conclamar o mundo a um novo movimento.

Junho de 2012

(Dedicado à turma dos salmões 2012, à Maria Helena por possibilitar chegar aqui,
à Rosarte por incluir arte em toda a epistemologia
e com deferência especial ao Renato pela sua participação com o novo vento)



Meu amigo, por que existe injustiça?

I

gostaria, meu amigo
– você que é tão justo –
que me explicasse por que existe
injustiça
se os meus vizinhos dos andares de
baixo de cima dos lados
são todos justos
(confirmadamente justos)
se meus primos sobrinhos e tios são
todos justos
e
meus amigos - todos - e inimigos –
todos -
são confirmadamente justos
pelo que tenho observado e tenho me
interessado pelo assunto
todos os motoristas de táxi de ônibus e
de automóveis de passeio
são muito justos
(e eles próprios confirmam que o
são, após suas precisas e
justas manobras no trânsito)
meus colegas de trabalho - bem os
conheço e me confirmam
são todos justos - justíssimos
os advogados que conheço e dos que
ouço falar,
oficiais de justiça e juízes –
– todos esses por dever de ofício,
claro,
são todos justos – justíssimos

II

os políticos de todos os partidos, tão
justos que são, pedem nossos votos
para continuar propagando a justiça
e
todos os governantes municipais
estaduais federais
governam com justiça
como todos sabemos
mas então meu amigo por que existe
injustiça?
se todos os empregados são justos
em suas reivindicações
e
todos os patrões são justos
em não atendê-las?
se todos os que têm fome são justos
em querer saciá-la
e
todos do alto de nossas justiças não
podemos saciá-la?
se os que não têm a terra são justos
em querê-la
e
os que a possuem são justos em
negá-la?
então,
meu amigo,
por que existe injustiça?

Poema longo sobre a justiça

Se houvesse justiça seria curto este poema.
Para cada justiça efetuada um ato injusto lhe antecede
e outro injusto lhe sucede.
Que a tenha antecedido é por demais sabido,
que se não fora assim não se teria cometido o ato justo
para corrigir o ato injusto que lhe provocou.
Não seria necessário fazer justiça se justiça dada fosse.
Daí a antecedência do ato injusto,
em que se assentam todos os demais atos.
Mas que o ato injusto suceda ao ato justo anterior,
por que, perguntarão:
porque à justiça feita o passo seguinte é a justiça desfeita?
Porque se move o rio, o tempo,
o verbo de Heráclito na direção da injustiça?
Porque não se muda a cena injusta
no movimento do ato que lhe repara?
O que sustenta o ato injusto sucedente?
Talvez porque não haja justiça permanente
se o erro humano permanece eternamente.
Talvez porque a justiça seja injusta na sua essência precedente
e não haja justiça justa precedente.
E sucedente.
Mas isso ainda é pouco para justificar o ato injusto sucedente,
porque a permanente correção do erro
– eterna busca do acerto humano –
é a sentença da justiça injusta.

Então, pois, o erro humano não está só em sua gênese,
está também em sua reparação.
O erro humano como causa original
e sua reparação causação sucessiva.

Injustiça e justiça, dialética tragédia humana
de ser justo-injusto em si e na alteridade.
Corrigir o erro injusto, buscar o justo acerto, e esperar a harmonia
que redima o mal feito para chegar ao mal desfeito,
ah! desdita inglória,
em que não se alcança o justo ato.
Se houvesse justiça seria curto este poema.
Injusto é a farsa temporária do justo que parece.
Injustiça é a passagem de um erro a outro
para injusto-ficar o erro mudado.
Injustiça é a passagem de um erro a outro
para justificar o erro não mudado.
Injustiça é a passagem dos dias injustos, dos anos injustos,
da vida injusta em seus pequenos movimentos
– horas, minutos, segundos –
de justiça momentânea.
Injustiça é pedra bruta lapidada pouco a pouco e pouco a pouco
até chegar à injustiça aprimorada.
Injustiça é a farsa permanente da justiça temporária.
Se houvesse justiça seria curto este poema.
Justiça aqui justiça ali
– justiça não são migalhas ou espasmos –
se fosse carnaval justiça não seriam confetes,
serpentinhas talvez,
e não seriam fantasias,
máscaras rasgadas talvez.
Justiça cá justiça lá
– justiça não são pequenos atos ou pequenos gestos –
se fosse amanhecer justiça não seriam os primeiros clarões,
o céu tomado de luz talvez,
e não seria o dia apenas,
o sol talvez.
Justiça aquém justiça além

— justiça não são lembranças ou esperanças —
se fosse amor justiça não seriam afagos,
projetos talvez,
e não seriam desejos,
o sentimento eterno da ternura talvez.
Se houvesse justiça seria curto este poema.
Justiça, ora, não pode ser a perpétua reparação da injustiça,
conteúdo e continente.
Se justiça é conteúdo e injustiça continente
que se desfaça a farsa e se a inverta.
Se injustiça é conteúdo e justiça continente
que se desfaça a farsa e se a inverta.
Se não há justiça conteúdo e continente
que se desfaça a farsa e se reinvente outra justiça.

Algo que pudesse anteceder o ato e o gesto,
percorrê-los e fazê-los perdurar,
algo que estivesse no centro de nossas relações,
decisões, reflexões e novas inventivas,
algo que fosse eixo de olhar ao lado e ser olhado,
algo como serpentina de um carnaval permanente, máscaras rasgadas,
algo como um dia claro e permanente de sol pleno,
algo como um sentimento eternizado de ser justo,
como se fosse o amor eterno revertido à ternura.
Algo que pudesse tornar mais curto este poema.

2011/2012



estilo

me foi dado este tipo de vida
em que aceito
engulo
e traço meu estilo de exercitar constantemente
formas de
assimilá-lo

vou ganhando tempo
sobrepujando cada momento
e como se a inferioridade fosse um bem –
– vou indo bem –
até conseguir
mudá-lo

25/08/90

as meninas da lapa

as meninas da lapa estão por toda a parte
fazendo a parte que lhes cabe da dignidade
meninas como são
agem como senhoritas ao dançar a valsa
como senhoras em sua intransigente defesa da vida
como moças recatadas ao comedir seus toques e
como mulheres exuberantes ao esbanjá-los
como madames satânicas em suas tramas transformadoras
como namoradas em seus sorrisos generosos
como viúvas em seus olhares tristonhos de adeus

as meninas da lapa são as tranças dos
cabelos do mundo

as meninas da lapa são os cabelos do mundo com seus penteados
tecnológicos
epidemiológicos
ergonômicos
sociotécnicos
psicodinâmicos
que determinam a possibilidade esteticamente perfeita
da cara do mundo
as meninas da lapa
são naves interplanetárias
de planetas distantes
onde se têm a ética dos processos de trabalho
as meninas da lapa

são naves interplanetárias
de planetas distantes
estacionadas na lapa
para o necessário reabastecimento

as meninas da lapa são anéis nos dedos do mundo
alianças de noivado com o trabalho digno
as meninas da lapa são núcleos solidários
com todos os meninos de macacão na frente de suas máquinas
ruidosas e vaporentas
com todos os meninos de pé no chão
com suas enxadas e pás
que preparam o alimento de nossos poemas revoltosos

as meninas da lapa são flores que concedem
às outras flores consagradas
o milagre da cor e do perfume

**(as meninas da lapa – outubro 1997 – dedicado às meninas do
Programa de Saúde do Trabalhador da Lapa – São Paulo)**

Uma etnia em movimento

Ao povo da saúde do trabalhador

Não de há muito emergiu em Terra Brasilis
uma tribo insurgente incontida em suas indignações
com o trabalho de sua gente.

De ítala ascendência
e cruzamentos latinos
no novo mundo
pouco a pouco
foi construindo a sua aldeia.

Não como taba circunscrita
a um pequenino território
mas como aventura proliferante
e vocação beligerante
de fazer frente
ao perpétuo sistema exploratório.

Tantas eram as vocações potenciais
de compartilhar o enfrentamento
que cá e acolá foram surgindo
novos sujeitos tribais e saindo
do estado de descontentamento
para um estado de deslumbramento
pela missão de conhecer, criar, lutar
contra a morte no trabalho e seu horror.

E numa diáspora consentida,
missão na estrada,
a etnia foi consolidada e foi
enfim intitulada de
Povo da Saúde do Trabalhador.

Dos processos de trabalho e seus senões
de negar a vida, a saúde e outros ais
esse povo abnegado e seus que tais
puseram suas armas e emoções
a combater num cenário de cristais.

Pois que a iniquidade e a injustiça
são tidas e assimiladas no trabalho
como partes inevitáveis de uma liça
em que se sabe de antemão o vencedor
e sabe-se vencido o trabalhador.

Vai daí que essa tribo destemida,
mesmo que pareça ser vencida,
não renega sua natureza étnica
e empunha sua bandeira ética
numa luta por demais renhida.

São guerreiros e guerreiras singulares
artífices de distintas estratégias
que sabedores dos passos limitados
cuidam de acolher iniciados
e manter ademais a tribo alerta
para não perder a trilha certa.

São Machados, Tambellinis, Oliveiras
Barcellos, Ribeiros, GiralDOS
Firpos, Britos, Jacintas
Olgas, Lucinhas, Lacazes
Tarcísios, Rigottos, Hervais
Letícias, Jandiras, Minayos
Beths, Julianas, Álváros
Paulinhos, Gláucias, Teresas
Carmens, Admilsons, Maenos
Valteres, Ednalvas, Pignatis
Déboras, Renés, Drumonds,
Carlinhos, Biras, Penas,
Rebouças, Freitas, Castros
Williams, Valérias, Vandas
Kátias, Augustos, Aris,
Ineses, Ediths, Giannasis
Helenos, Heloissas, Simones
Marçais, Junes, Lenys
Facchinis, Cecílias, Rodolfos
Adas, Ledas, Ildebertos
Vilmas, Regos, Renatos.

Não há fim numa tribo que se espraia.
São mais os nomes que faltam
do que os nomes que se mostram.
Como ao olhar p'ra natureza,
bando de andorinhas,
exército de formigas
colméia,
compreendemos a unidade,
mesmo que um desgarre ou falte.

Ou que não tenham chegado
os que estão se aproximando,
pois ao fim que se destinam
há um destino tracejado
que está apenas começando.

2012

Não há qualquer força capaz de apagar
à bomba à faca à cuspe à tiro
a dignidade
– dos homens dignos –

Sequer o cheiro de carne queimada
ou hemorragias catastróficas
conseguirão fazê-lo

A história é testemunha do desperdício
das fogueiras celas imundas guilhotinas fuzis
alternativas vis-mis
sedentas de apagar
a dignidade
– dos homens dignos –

Embora
muitas vezes
homens indignos
caminhem juntos ao sacrifício
confundidos no turbilhão da pequenice humana
dos que se arvoram
em juízes da liberdade do pensamento
apenas os homens dignos
têm um brilho solar nos olhos
e um sorriso pleno despojado

Quem já os viu terá
a felicidade de admirá-los
ou a sordidez de odiá-los

Impossível é não percebê-los
porque embora sejam poucos
transpiram a esperança
de transformar o mundo



Branca de Neve, os sete anões e a Vigilância Sanitária

Esta é uma história verídica.

Em 2007, na cidade de Maceió, estado de Alagoas, Brasil, ocorreu um Seminário de Direito Sanitário. Em sua décima versão, o evento tinha como tema “*A formação de recursos humanos numa perspectiva globalizante*”. Claro está que os recursos humanos aludidos eram os de Vigilância Sanitária.

Surpreendentemente foram convidados para o Seminário a rainha má (feiticeira), representando a perspectiva globalizante e disfarçada de Banco Mundial; Branca de Neve, representando a bela e ingênua Vigilância Sanitária; os seus inseparáveis sete anões, representando os recursos humanos da vigilância; e o espelho, representando o Brasil e, claro, achando-se lindo, cada vez mais lindo.

Parte 1 – A rainha má

A rainha má, muito à vontade, dizia que o Estado carecia de reformas, sempre para facilitar as transações do mercado, reformas tributária, previdenciária, trabalhista, política, reformas e reformas sempre a favor do mercado. A feiticeira, mostrando sabedoria, citou até Boaventura Santos, apropriando-se de suas palavras: “O Estado precisa ser forte para garantir sua fraqueza”, he he he, acrescentou a má rainha. E, para se adequar à especificidade do evento, emendou: a vigilância sanitária deve ser um meio para garantir as transações de mercado, já que, no Brasil, na proposta de Reforma do Estado desde FHC / Bresser Pereira, a vigilância é a única atividade de saúde garantida como atividade típica de Estado. Inclusive, a feiticeira recordou a similitude conjuntural com o controle de endemias no início do século XX para garantir as exportações brasileiras.

Parte 2 – O espelho

O espelho, também muito à vontade, falava em nome do Brasil e se achava lindo, muito lindo.

Negando suas origens de esquerda, o espelho defendia veementemente: a nova estética de cooptação do movimento social e sindical, inserindo-o na máquina de governo; a tolerância com a pequenez da política partidária; a frouxidão nas respostas emergenciais sobre o meio ambiente; o silêncio sobre a reforma agrária; a timidez com a ocupação urbana desordenada e as políticas habitacionais; a falta de ousadia nas políticas de educação; as manifestações de intolerância com a imprensa e o ministério público; a obediência ao receituário de reformas de Estado conduzido pelo FMI e Banco Mundial; e, principalmente, a transformação de políticas residuais e compensatórias, não estruturantes e provisórias, em carro chefe do governo como políticas de caráter permanente.

Parte 3 – Branca de Neve

Branca de Neve, muito tímida, estava pouco à vontade.

Tida como a bela e ingênua vigilância sanitária, os súditos sussurravam *“tão bela pela capacidade de intervir sobre os fatores determinantes do complexo saúde-doença e tão ingênua pelo modo como intervém, sem tocar nos processos produtivos e seus modos organizacionais predatórios para a saúde, intra e extramuros dos estabelecimentos.”* *“Não seria mais bela essa branquinha de neve e menos ingênua se atuasse na perspectiva de um Sistema Único de Saúde, que fosse realmente sistêmico, numa abordagem ampliada de Vigilância dos Processos Produtivos, introjetando as variáveis saúde do trabalhador, saúde ambiental e, principalmente, desenvolvimento sustentável?”*

Ouvindo os sussurros, Branca de Neve bem baixinho falou do que sabia: eu sei que sou uma vigilância sanitária que não incorporo a sociedade em meus atos operacionais; sei que não utilizo nas minhas inspeções as assessorias necessárias para uma melhor ação técnica e política; sei que tenho como objetos os produtos e os serviços e não, como deveria ser sistematicamente, os processos produtivos; sei que

não compreendo a fiscalização como um ato de vigilância ao longo do tempo, no sentido de transformar os processos produtivos; sei que não examino ou intervenho sobre as relações de trabalho contidas no objeto das minhas ações; sei que não me articulo intra ou inter-setorialmente; sei que opero com o enfoque preponderantemente punitivo; sei que contribuo muito pouco para construir novos objetos de conhecimento interdisciplinar; e, finalmente, sei que eu contribuo para aprofundar a fragmentação intrasetorial estimulando o surgimento de super-especialistas fiscais. E assim sendo foi exilar-se na floresta.

Parte 4 – Os sete anões

Os sete anões, por serem os recursos humanos da Vigilância Sanitária, acompanharam a Branca de Neve pela floresta, para dela cuidarem, sempre obedecendo às suas características:

Atchim - espirra todo o tempo porque é alérgico a mudanças. É o anão que acredita que a Vigilância Sanitária se basta como está e não compreende a fiscalização como um ato de vigilância ao longo do tempo, no sentido de transformar os processos produtivos.

Dengoso - é o anão bem comportado que traduz a falta de ousadia do agente público, ao não incorporar a sociedade em seus atos operativos, contrariando a lógica do SUS, o princípio da transparência pública e dando margem à corrupção ou à suspeita.

Dunga - é o anãozinho que não aprendeu a falar, ou por falta de oportunidade, ou por jogar na defensiva fazendo o estritamente necessário para cumprir o ritual administrativo, cujo alcance é restrito e cada vez mais restrito.

Feliz - satisfeito do jeito que está não se articula intra ou inter-setorialmente e, por isso, não constrói novos objetos interdisciplinares deixando de ser um agente participante na construção de novos conhecimentos, especialmente com as universidades públicas.

Mestre - é o anão que acha que sabe tudo e acredita na cultura de fragmentos que leva aos caixotinhos corporativos. Não distingue fiscalização de inspeção com assessoria ampliada e, por isso, tende a

aprofundar a fragmentação intrassetorial ao estimular o surgimento de super-especialistas fiscais.

Soneca - seu soninho contribui para a desvalorização do agente público, e dificulta a luta por uma carreira típica de Estado, com autonomia de ação imune ao interesse político escuso.

Zangado - é o anão que trabalha com o enfoque preponderantemente punitivo, sem levar em conta o processo educativo e negocial que deve estar disposto na transformação mais perene dos processos.

Parte 5 – O Príncipe

Esta história verídica deveria ter um príncipe, com seu beijo salvador na Branca de Neve.

O Príncipe é aquele, de um reinado distante, que considera que a vigilância sanitária pode trabalhar com cadeias produtivas, trabalhar com setores produtivos em mecanismos abrangentes de política de Estado, e não no varejo, trabalhar na perspectiva do território, intra, inter e trans-setorialmente com os serviços de saúde, especialmente a atenção básica, com as áreas de produção de conhecimentos (universidades), com o Ministério Público, as áreas do Trabalho, Previdência e Meio Ambiente e, especialmente, com a sociedade organizada, os sindicatos de trabalhadores e os conselhos de saúde.

O Príncipe é aquele que sabe que a vigilância sanitária é a estrutura de saúde mais próxima da vocação sistêmica e preventivista do SUS, ainda não efetivamente exercida, mas quem é o Príncipe da Branca de Neve?

"A Formação de Recursos Humanos numa perspectiva Globalizante", palestra proferida no X Seminário de Direito Sanitário: As fronteiras da Vigilância Sanitária no mundo globalizado, organizado pelo Instituto de Estudos de Direito Sanitário, com apoio da Anvisa, maio de 2007, em Maceió.

O garçom, o bêbado e o ergonomista

(Ensaio sobre os aspectos cognitivos na análise ergonômica do trabalho)

A produção acadêmica não guarda,
de forma sistemática, uma sintonia fina com a realidade social
e
sempre que possível, este ensaio deve ser lido
tendo como fundo musical as canções
de Joséphine Baker, por ela mesma.
Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ), outubro de 1996.

I – O Botequim

O botequim é daqueles que já não se encontra.

Porta de saloon - duas bandas de vai-e-vem, do lado de fora se duvida, o lado de dentro convida*.

Dez mesas pequenas, com 80 x 80 cm, aproximadamente. De tampo de mármore. Dizem que esse mármore é original, como se todo mármore não fosse original. Talvez porque esse seja o mesmo mármore travertino (com faixas coloridas belíssimas), trazido pelo 1º dono do botequim, lá pelos anos 20, Seu Joaquim de Almeida, um português de Caldas da Rainha, parece.

As cadeiras são de madeira fina gonçalo-alves, daquelas bem pequenas mas confortáveis, muito resistentes.

Do lado esquerdo de quem entra está o balcão. Imponente e, também, de mármore, só que não original. Do lado direito, as mesas, sendo uma do lado próximo à porta, duas filas de três no meio do salão e três ao fundo do salão. Todas sem toalha (para a apreciação do mármore, tudo indica). Os pés

* Inspirado na música *Noite Vadia*, de Wilson Valença.

das mesas são de caviúna, em forma de coluna retorcida, com 4 expansões podálicas, que imprime uma curiosidade para saber quem teria sido o artesão que as trouxe ao mundo.

Voltando ao balcão, no sentido da rua para o interior do botequim, vê-se um baleiro múltiplo, daqueles de vidro com tampa de metal, giratório (o metal brilhante como recém-nascido); uma tábua circular com tampo de vidro, com um grande pedaço de queijo desses suíços cheio de furos saborosos; 4 garrafas de vinho português; a caixa registradora, daquelas bem antigas, não tanto quanto o mármore das mesas; 2 salames dos grandes; um pote de vidro, desses enormes de boca larga, cheio de tremoços e a tira de madeira que permite a entrada e saída do balcão.

Na parede de trás do balcão, vê-se 3 quadros - o 1º, do lado da rua, e o 3º mostram, respectivamente, paisagens de Caldas da Rainha e de Figueiró dos Vinhos, pequenas vilas portuguesas. Entre os 2 quadros vê-se uma réplica de um quadro de José Malhoa, pintor português, nascido em 1855 em Caldas da Rainha e morto em 1933 em Figueiró dos Vinhos. O quadro se chama “Gozando rendimentos” e mostra, numa paisagem fria de inverno, um homem calvo, um tanto gordo e só, sentado num banco público, de madeira, com um cachecol e um chapéu pousados ao seu lado, segurando uma bengala. O chapéu sobre o cachecol.



http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jos%C3%A9_Malhoa_-_Gozando_os_rendimentos.jpg

Ainda, na parede, logo após o 3º quadro há um armário de parede, de madeira escura, caviúna talvez, com 4 prateleiras, cheias de garrafas ... conhaque, bagaceira, rum branco, creme de ovos, aguardente, uma de vinho do Porto, gim ...

Ao fim do balcão vê-se uma pequena cozinha, separada do ambiente por uma meia-porta. A parte de cima permanentemente aberta.

Ao lado da tira de madeira, na parede ao fundo há uma porta inteira, fechada, onde se situa o banheiro, um pequeno depósito e um quartinho para a troca de roupa.

Ao lado da porta, ocupando o que resta da parede ao fundo, repousa uma geladeira dessas de 4 portas espelhadas, com seus 2 metros de altura e trinco horizontal de trava roliça.

As 2 paredes restantes são azulejadas até o teto, que é branco, centrado por um ventilador, desses que já foram muito antigos e hoje são muito modernos. Os azulejos são de dois tipos entremeados, a maioria brancos e alguns com uma paisagem em azul. A paisagem lembra, em muito, o quadro de José Malhoa, sem o homem.

O piso é de taco e, ao primeiro olhar, não há tacos soltos.

Esse é o botequim.

Ah! Cada vez que o botequim fica mais silencioso, ouve-se a voz, que parece vir da cozinha, de Joséphine Baker, desafiando um a um seus clássicos - *La petite Tonkinoise; Toc-Toc Partout; Voulez-vous de la Canne à Sucre; Dis-moi Joséphine...*

Esse, agora, é o botequim.

II – Os personagens

Além dos fregueses que entram e saem, àquela hora com escassa frequência, têm-se o dono do botequim, que permanece todo o tempo atrás do balcão, o cozinheiro, que permanece todo o tempo na cozinha e os três personagens deste ensaio - o garçom, o bêbado e o ergonomista.

O garçom aparenta 60 anos, veste uma calça preta, limpa, um paletó branco, limpo, sobre uma camisa branca, também limpa, e ostenta uma borboleta no pescoço. A borboleta lembra, de longe os azulejos azuis do botequim, talvez a borboleta que falte na paisagem.

O bêbado, não demasiadamente bêbado, veste-se de forma elegante, paletó e gravata, aparenta seus 60 anos e está sentado na mesa mais ao fundo e mais à direita de quem entra. Tem cabelos fartos e esbranquiçados.

O ergonomista senta-se à primeira mesa, logo à direita de quem entra, veste-se de forma esportiva, calça jeans, camisa de manga comprida estampada, com predominância do amarelo sobre o vermelho e aparenta seus 35 anos.

À exceção dos que leiam este ensaio, não se percebe qualquer ligação entre os 3 personagens, a não ser pelo garçom que lhes serve.

No entanto, há uma profunda e estreita relação entre eles como se poderá observar mais adiante.

III – O Garçom

É um homem sereno. Àquela hora, com apenas duas mesas ocupadas e os dois fregueses servidos, o garçom permanece grande parte do tempo sentado, na mesa ao fundo, à esquerda de quem entra, a que está mais próxima da parte final do balcão. Tem um guardanapo dos grandes pendurado no braço esquerdo e outro guardanapo nas mãos. Lentamente, durante o tempo em que está sentado, ele passa o guardanapo em cada um dos 5 copos de vidro que estão em cima da mesa.

Os copos vão ficando cada vez mais límpidos, finos e transparentes. Cada copo que o garçom parece dar como concluída a tarefa de limpá-lo ostenta a aparência do cristal mais delicado, como se fosse recém-chegado da já não mais existente Tchecoslováquia.

A tarefa só termina quando o velho garçom levanta o copo, posiciona-o contra a luz, torce-o em todas as direções e, não se sabe bem, se balança a cabeça de aprovação ou se para desviar o olhar da lâmpada, acoplada ao ventilador de teto.

A cada copo terminado, levanta-se, dirige-se para trás do balcão, abre uma porta do que deve ser um armário, localizado na sua parte interna e volta sem o copo.

Feito isto, dirige-se à mesa do ergonomista e pergunta se deseja mais alguma coisa. Em seguida, repete a pergunta ao bêbado.

O ritual se reproduz com uma precisão de metrônomo.

Cada etapa, embora os copos sejam em tudo semelhantes, inicia e encerra um ciclo diferente do pensamento do garçom.

Assim, durante a limpeza do 1º copo, o homem pensa sobre seu filho de 35 anos, engenheiro estudioso e operoso, desempregado há quase 1 ano. Demitido por conta de uma discussão boba com o dono da empresa em que trabalhava. Olha, então, com uma certa reverência para o dono do botequim, naquele momento distraído com o conteúdo parco da velha caixa registradora.

Afinal, nos 22 anos que já trabalhava no botequim, o garçom havia tido inúmeras discussões com o patrão e, nem por isso, tinha sido demitido.

É bem verdade que em todas as ocasiões o garçom estava com a razão. É bem provável, portanto, que seu filho não estivesse com a razão, quando discutiu com o patrão.

O que era uma contradição, pois o menino era o mais dócil e compreensivo dos seus 4 filhos. Coisas da vida ... Joséphine canta *Pardon si je t'importune ...*

O 2º copo, à medida que vai se transmutando em cristal, serve ao pensamento de coisas mais amenas (e mais profundamente dolorosas) ... Gerusa ... Gerusa ... ainda viva na lembrança. Teríamos sido felizes? Que amor mais definitivo havia sido esse que ela tanto decantava se ela não soube esperar por mim ... Joséphine canta *Mon rêve c'était vous* ...

Enquanto todas as mulheres que havia conhecido tinham olhos, Gerusa tinha olhar. As mulheres do mundo, inclusive a mãe de seus 4 filhos, que tanto amava, tinham braços, Gerusa ... abraços; tinham pernas, Gerusa ... andar; tinham voz, Gerusa ... som; tinham mãos, Gerusa ... gestos.

Gerusa ... o copo balança na ponta dos dedos do garçom, como bailarina no ar contra a luz meio fosca que vem do teto.

Durante a limpeza do 3º copo, o garçom reflete sobre a sua inutilidade (e sobre a sua utilidade). Chega às 10 horas, troca de roupa, arruma as mesas, confere as bebidas colocadas pelo patrão na geladeira, passa um pano nas bebidas da prateleira e espera pelos fregueses. Qualquer um poderia fazer isso, pensa com uma grande tristeza. Quer dizer, também não é bem assim, há que ter uma certa vocação para ser garçom, pensa com menos tristeza.

O patrão, por exemplo, não tem a menor paciência com alguns fregueses e não sabe como reagir em algumas circunstâncias. Sempre que aparece algum problema inesperado, o homem empurra para ele solucionar. Acaba sempre nele a coisa do estoque e, quando falta alguma coisa, o patrão o chama de negligente, mas se ele demonstra uma preocupação prévia, não é que ele é tachado de paranóico?

Qualquer um poderia estar no seu lugar, tudo bem, mas por que o patrão não lhe manda embora? Será por pena dele ser tão velho ou medo de perder um empregado dedicado, que não falta, é atencioso com os fregueses, é pontual, é cuidadoso, não lhe rouba ... e nem lhe quebra os copos.

E ademais, ele conhecia cada detalhe do funcionamento daquela engenhoca que as pessoas chamavam de botequim. Sabia descongelar uma cervo no ponto do congelamento, preparar um “samba”, apartar uma briga, temperar um tira-gosto, mandar um freguês embora, empurrar uma cervo a mais, discutir o futebol e a política ... tudo com muito jeito. Ah! E é claro, limpar um copo como ninguém, transformá-lo em cristal.

E, como bom garçom, estava pronto para qualquer parada, até p'ra morrer da profissão (ele sabia que ser garçom era muito arriscado).

Joséphine canta *Partir sur un Bateau tout Blanc*.

Enquanto limpa o 4º copo pensa na sua aposentadoria.

Se conseguisse comprovar pelo menos 12 dos 23 anos que ele havia

trabalhado, sem carteira assinada, no armazém do cunhado, ele poderia se aposentar já. Mas o puto do cunhado não havia deixado um puto de um registro de empregados quando morreu e ele sempre confiando, confiando. Afinal, o puto, além de irmão da sua mulher, tratava-o como sócio e dividia com ele o lucro do armazém.

Dividia mesmo? Como é que ele podia saber, se quem fazia toda a contabilidade era o puto?

A limpeza do 4º copo tem que ser interrompida. O rapaz da mesa 1 (que, aliás, lembra um pouco o seu filho desempregado) quer mais uma cerveja.

Ao voltar para terminar a limpeza do 4º copo, o garçom tem a impressão que o 4º copo já está limpo, torna a levantar, dirige-se para trás do balcão, volta e pega, então, o 5º copo. Parece vir da cozinha o som de La Joséphine cantando *C'est lui*. O 5º copo jamais terá a sensação de ser cristal, como será visto mais adiante.

IV – O Bêbado

O bêbado não é um bêbado comum, desses que perturbam, falam sozinhos e ziguezagueiam sentados. Sabe-se que é (ou está) bêbado, apenas, pela forma de pegar o copo e levá-lo à boca enquanto cruza e descruza as pernas.

É um homem (ou está) profundamente amargurado. Tem um pedaço de papel escrito na mão, que a cada gole relê.

Nos momentos em que não está (re)lendo o papel, pensa na inutilidade de seu trabalho como jornalista mal sucedido, fracassado mesmo. Afinal, jornalismo no Brasil, sem concessões, sem mumunhas, sem padrinhos, é profissão sem prumo. Qualquer dia acabaria tendo de escrever sobre crimes de botequim. Era só o que estava lhe faltando.

Maldita a hora em que havia abandonado a Escola de Engenharia. Maldita a hora em que havia saído de casa por um amor maldito. Maldita a hora de ter vivido.

Era a 1ª vez que vinha àquele botequim. Já estava na 12ª cerveja e só havia mijado duas vezes (duas?).

O que será que passa na cabeça de um suicida, antes?

E na cabeça de um assassino, antes?

Que perspectivas pode haver para um país como este?

Qual será a reação do garçom ao saber?

E aquele garoto que não pára de escrever na mesa ao lado da porta, o

que tanto escreve? Não tem cara de jornalista, nem de engenheiro.

Mais um gole e se lembra de um poema de Domitilo de Andrade* ...

Se nada há de mais sublime do que a vida, o há na morte, que lhe duvida.

Quem disse, portanto, o quão soberba é a morte, disse-o certo.

Pois, por certo, não há aquele que de tão torto não a tema.

E que exista, se a busca por pensar enfrentá-la é por desfeita.

Mas e eu, então, que sei do morrer o ato de grandeza,

E do matar, não importa, ato de grandeza de igual similitude,

Pois a permite.

Então,

Eu a enfrento.

Já tem, parece, o tema para o seu primeiro artigo de pasquim, escrito da prisão.

V – O Ergonomista

O ergonomista já não tem muitas ilusões e vive às voltas com uma certa sensação de inutilidade.

Por isto, passou a frequentar botequins.

Eis que está às voltas com a crise da ergonomia, que no fundo é a sua própria. E a de todas as crises de todas as coisas, que no fundo é a sua própria.

E ele está lá para fazer e responder perguntas a ele próprio. Mas não essas perguntas triviais de qualquer frequentador solitário de botequim, sobre a vida, o amor, a crise de todas as coisas e a sua própria.

Ele está lá para fazer e responder perguntas sobre o trabalho do garçom e a sua relação com o bêbado. Que poderia ser qualquer bêbado, como também qualquer garçom, mas naquele dia, com um pouco de sorte, ele havia achado o botequim certo com o garçom certo e o bêbado certo, tudo indicava.

Havia uma certa atmosfera no ar, bem propícia a uma análise ergonômica do trabalho do garçom - tema do artigo que estava escrevendo para o Congresso de Ergonomia de Lima, daqui a 3 meses. Em Lima, ele compraria em alguma livraria alternativa o original de *El derecho de matar*, livro de contos de 1926, da poetisa peruana Magda Portal e de lá seguiria para Cuzco, p'ra fumar todas e redefinir sua vida.

* Pseudônimo do Autor do Ensaio.

Observa, portanto, o leitor deste ensaio, uma primeira relação entre os 3 personagens: todos estão trabalhando. O garçom, por motivos óbvios, o bêbado por motivos não tão óbvios (prepara-se para ser o próprio personagem de sua primeira matéria quando estiver na prisão) e o ergonômista trabalha no seu último projeto como ergonômista.

O ergonômista começa por caracterizar a materialidade da organização do trabalho em que executar uma atividade é confrontar-se com a estrutura organizacional da empresa e da sociedade: a atividade do garçom é a ponte entre as duas. A explicitação de certos comportamentos e atitudes da atividade de trabalho e o entendimento do sentido aparentemente absurdo de certas atividades só se concretiza a partir da visibilidade da organização do trabalho, sua capacidade de ser observada e a possibilidade de ser registrada*.

Limpar os copos, por exemplo, é perfeitamente compreensível. Mas limpá-los, de forma ritualística e compulsiva, até transformá-los em cristal travertino, só tem sentido se o garçom estiver esperando que lhe aconteça algo catastrófico (o garçom se adequa à cena que retrata a relação entre a sua atividade e a sociedade).

Ou não?

Parece que sim, pois “a atividade de trabalho se insere num contexto onde o presente - a organização materializada do trabalho - se conjuga com um futuro - os meios técnicos de ação e os meios gerenciais de planejamento e controle de operações - e é condicionado com um passado - as vivências, experiências, a história pessoal e coletiva”*.

Entre o trabalho de um operador numa sala de controle de uma refinaria, o de um soldado na faixa de Gaza e o do garçom existe uma identidade de mediação, que se reporta ao processo de trabalho no contexto antropológico.

No caso do soldado, a contradição entre o trabalho como fonte de vida e o produto objetual do processo - a morte, é mais evidente.

Nos outros casos, contudo, embora não seja tão evidente, a relação contraditória também está presente (o trabalho como fonte real de vida e como fonte virtual/potencial de morte).

A atividade do garçom, por exemplo, que será assassinado pelo freguês bêbado, só tem sentido se observada num contexto ampliado de seu significado.

Enquanto vai desfiando e decodificando os mediadores sociotécnicos da atividade de trabalho do garçom, os artefatos - copo, tira-gosto, cerveja ..., os mentefatos - a forma de limpar os copos e de garantir a cervas estupidamente ... e

* Adaptado de Mario Vidal - Textos selecionados (relação ao final).

os sociofatos – sua inserção naquele contexto, prestes a ser morto, o ergonômista refaz o roteiro de suas reflexões.

Já tomou umas 5 cervejas, comeu uma porção de queijo prato e uma de salame, foi três vezes ao banheiro, fumou uns 8 (?) cigarros, rabiscou 3 folhas do bloco de apontamentos, contou 23, aproximadamente, o número de vezes que o garçom sentou e levantou, e, claro, fez um grande esforço, até aqui para conter a excitação de que será espectador de um crime, a qualquer momento.

E um esforço, ainda maior, para contextualizar a morte do garçom no processo de produção botequim.

Neste momento, o leitor pode perceber que se estabelece uma outra relação entre os personagens – o garçom, o bêbado e o ergonômista estão naquele local, àquela hora, como parte indissolúvel de um crime que deverá ocorrer para alcançar o objetivo do autor do ensaio.

VI - O garçom, o bêbado e o ergonômista

Ao retomar suas reflexões, o ergonômista demarca o significado da morte para o garçom na análise ergonômica de sua atividade, comparando-a com o soldado na terra palestina e o operador da sala de controle da refinaria de petróleo.

Em todas, ela está presente como fator subjacente, não sob o aspecto existencialista mas como parte materializável da atividade, mais intensamente na do soldado e menos na do operador de refinaria de petróleo e menos, ainda, na do garçom.

Mas essa gradação não importava muito para ele, pois no “paper” que ele estava preparando para o Congresso de Lima, a questão da morte surgiria com toda a riqueza de seu conteúdo simbólico projetado na atividade. Assim, por exemplo, um incidente que perturbe a “démarche” rotineira do trabalho é (ou pode) significar morte. Morte temporária, talvez, morte passageira, mas, morte.

E o ergonômista extrapola: tanto faz o garçom derrubar um copo de cerveja no freguês ou ser assassinado por um bêbado, a situação é similar no contexto do processo produtivo, porquanto há uma similaridade nas suas causas e conseqüências - ausência de mecanismo previsional do distúrbio; incapacidade de deter a perturbação do sistema; interrupção abrupta do processo; necessidade de reparação, recuperação ou ambos; dano de intensidade variável; seqüela física, mental, social ou todas; e vai por aí.

A par da contradição cristalizada no trabalhador entre o medo de morrer e a sua negação, estabelecida pelas chamadas ideologias defensivas*, ao pensar a morte como parâmetro na análise ergonômica do trabalho do garçom, algumas questões não estavam claras.

Na verdade, havia algo errado nesta história.

Daqui a pouco haveria um crime.

O garçom sabia que seria assassinado pelo bêbado.

A forma compulsiva e ritualística de transformar os copos em cristal, no entanto, não era suficiente para justificar seu comportamento, pois o garçom, apesar disto, continuava seu trabalho como se nada fosse acontecer.

Não seria uma incoerência, a espera passiva pela morte?

Seria a dimensão cognitiva da atividade do garçom suficiente p'ra justificar seu comportamento?

Se a competência do trabalhador depende de uma série de articulações, entre os “conhecimentos, representações operativas de leis e de estruturas que dizem respeito aos ... fenômenos que neles ocorrem ..., de saber-fazer, advindos da experiência ..., de operações de tratamento de informações que surgem no curso das ações de trabalho...”** como justificar o comportamento do garçom?

A opção do ergonômista começava a “fazer água”, ao perceber que seria impossível escrever seu paper sem esquadrihar os códigos utilizados entre o garçom e o bêbado, sua relação num contexto da historicidade de cada um deles, os pontos comuns entre eles, determinantes do assassinato do garçom.

Seria uma pretensão descabida de um ergonômista fazer uma observação deste porte sem ouvir o garçom e o bêbado.

A construção de sua hipótese de trabalho, ele devia saber, passava por uma série de etapas, capazes de gerar indicativos tais como a verificação e generalização de algumas constatações particulares; o estabelecimento de argumentações quantitativas de alguns aspectos bem delimitados; a pesquisa de elementos das situações onde não sejam suficientes os dados obtidos; a descrição meticulosa dos aspectos mais importantes**.

Neste contexto, o registro de verbalizações provocadas pelo ergonômista seria absolutamente imprescindível.

O ergonômista está mergulhado em suas reflexões, o garçom desaparece por alguns minutos e o bêbado se prepara ...

* Cf. Dejours. Referência ao final.

** Adaptado de Mario Vidal - Textos selecionados (relação ao final).

Joséphine canta *J'ai un message pour toi ...*

O garçom reaparece com uma arma na mão, aproxima-se do bêbado e dispara um após outro, com serenidade, os seis tiros de que dispunha. Todos no peito do bêbado.

O ergonômista, perplexo, chama o garçom, pede mais uma cerveja e, um tanto indignado, fala ao garçom:

- Estou surpreso! Neste ensaio, o bêbado é que deveria lhe matar.

Como se sabe, as dificuldades na obtenção de verbalizações podem se dar na transferência de intenção mal realizada, em que o locutor (o garçom) pode julgar o que seja do interesse do interlocutor (o ergonômista), sem que isto seja realmente de seu interesse; pode ocorrer pela impossibilidade da narrativa do locutor conseguir retratar, de forma fidedigna, componentes de sua atividade, adquiridos a partir de uma vivência pouco formalizada; ou pode, ainda derivar da própria limitação da linguagem*.

O garçom não responde, volta à mesa próxima do balcão, ao fundo, e começa a transformar em cristais uma nova série de cinco copos.

Nesta nova série, inverte a ordem no ciclo de seus pensamentos. O bêbado morto, ao pé da mesa da direita, ao fundo do botequim, leva-o a pensar, durante a limpeza do 1º copo, em Gerusa ... Trocá-lo por um jornalista mal sucedido, bêbado ... Gerusa ...

Enquanto Joséphine canta *J'ai deux Amours*, o garçom lembra de um poema de Domitilo de Andrade...

Afinal!

*Se a vida não é senão a busca incessante de realização
de nossas próprias utopias,*

Ah! Que seja a morte a exaltação de não realizá-las.

Pois viver sem realizá-las, essa vida,

Eu não enfrento...

O ergonômista, toma mais um gole de cerveja, preocupado em encontrar um novo tema para o Congresso Internacional de Ergonomia de Lima.



* Adaptado de Mario Vidal - Textos selecionados (relação ao final).

Citações, referências, inspiração e fundo musical

- 1 - **Roteiro de Análise Ergonômica do Trabalho** - Mario Cesar Vidal e José Orlando Gomes, GENTE/COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.
- 2 - **Ergonomia Cognitiva (A cognição e o Trabalho)** - Mario Cesar Vidal, GENTE/COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.
- 3 - **Conceitos Básicos para uma Engenharia do Trabalho** - Mario Cesar Vidal e José Orlando Gomes, GENTE/COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.
- 4 - **A Materialidade da Organização do Trabalho como Objeto da Intervenção Ergonômica** - Mario Cesar Vidal, GENTE/COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.
- 5 - **Apontamentos de aula** - Disciplina: Ergonomia Contemporânea - Professor Mario Cesar Vidal, Curso de Doutorado em Engenharia de Produção, COPPE/UFRJ, 1996.
- 6 - **Travail: Usure Mentale - Essai de psychopathologie du travail** - Christophe Dejours, Bayard Éditions, Paris, 1993.
- 7 - **J'ai Deux Amours** - Joséphine Baker - CD Musidisque de France, 1994.
E mais ... Enciclopédia Mirador; Novo Dicionário Aurélio; Pequenos escritos engavetados...

Ensaio tanguero sobre a questão do banimento do amianto (reflexões a partir da história de Mario Rojas - El Obrero)

Este trabalho é uma ficção. Entretanto, foi baseado em alguns fatos reais como o episódio do tango *Donde estás corazón*, em tudo semelhante ao que ocorreu em São Paulo, em 1928, quando morreu Ida Gamberini Fadel, a avó do autor do trabalho. Outras citações tem a marca forte de coisas que aconteceram, acontecem e estão por acontecer, como por exemplo a morte injusta de trabalhadores, decorrente da irrelevância da vida quando se trata de atender a um sistema produtivo violentamente explorador. Outras coisinhas tem a ver com a vida mesmo, como por exemplo, o Bar do Chino que existia em 1997 (ano em que este ensaio foi escrito), em Pompeya, subúrbio de Buenos Aires. Ficava atrás do Hospital da Aeronáutica e tinha tango todas as sextas-feiras. E Mario Rojas - El obrero nunca existiu (ao que se tenha notícia).

ROTEIRO

Cena I – Mario Rojas canta o primeiro tango

Narrativa I – Situando a questão do banimento do amianto

Cena II – Mario e Malena

Narrativa II – O amianto em foco

Cena III – Mario Rojas canta para Antonio

Narrativa III – Asbestose

Cena IV – Mario Rojas - El Obrero

Última cena – Entrevista com Mario Rojas

Referências Bibliográficas e Documentos utilizados no texto

Relação das músicas por ordem de citação

Cena I – Mario Rojas canta o primeiro tango

Sua mãe, Ida, tinha 24 anos quando morreu. Mario, três anos. O velório, na pequena casinha de Pompeya, subúrbio de Buenos Aires, era o palco onde se encenava o ato final de um drama inacabado. O drama da impotência dos homens frente à morte e à morte sem sentido - mais uma peça triste que a vida pregava a todos os que a amavam.

Todos os que lá estavam choravam baixinho. Seu marido Antonio, as irmãs Cecília e Alícia, seu irmão Enrique, sua mãe Mercedes, sua filha mais

velha Eda, de seis anos, todos os vizinhos. Só Mario não chorava. (Talvez fosse pequeno demais para entender o que estava se passando, pensavam todos).

Como poderia ter acontecido isso a Ida?

Tão jovem, tão forte, nunca havia estado doente, mas então por que?

E que voz! Era preciso tê-la ouvido cantar, para saber do que se tratava uma voz de mulher cantando um tango.

Os vizinhos mais velhos, velhos de dor e sofrimento, chegavam às janelas, como para reencontrar-se com Azucena Maizani, quando Ida cantava *Pero Yo Sé*, ou para ver surgir Tania fazendo com Ida um dueto em *Confesión*.

As paredes brancas da casinha refletiam as sombras tremuladas pela luz das velas ao redor do corpo de Ida sobre a mesa da sala. Sombras silenciadas pela dor.

O menino Mario estava sentado no colo de sua tia Cecília, que chorava baixinho num dos cantos da sala. Devagar, Mario se levanta, arrasta um banquinho até o lado do corpo de sua mãe, sobe no banquinho e começa a cantar o tango predileto de sua mãe *Donde estás corazón ...*

Yo la quería más que a mi vida,
Más que a mi madre la amava yo
Y su cariño era mi vida,
Mi unica voz era su amor
Y una mañana de crudo invierno
Entre mis brazos se me murió
Y desde entonces voy por el mundo,
Con el recuerdo de aquél amor.
Donde estas corazón, no oigo tu palpitar,
Es tan grande el dolor que no puedo llorar.
Yo quisiera llorar y no tengo más llanto.
La quería so tanto y se fué para no retornar.
Yo la quería con todo el alma,
Como se quiere solo una vez
Pero el destino cruel y sangriento
Quiso dejarme sin su querer
Solo la muerte arancar podía
Aquél viño de eterno amor
Y una mañana de crudo invierno
Entre mis brazos se me murió...

A pequena casinha parece uma frágil embarcação navegando num mar revoltado de lágrimas, levando para a escuridão do mar o corpo de Ida, com seu pequeno Mario na proa cantando...

Narrativa I – Situando a questão do banimento do amianto

A utilização do amianto e suas fibras derivadas é largamente difundida na indústria em geral. Em virtude das conseqüências de sua utilização para a saúde humana, atualmente discute-se, em todo o mundo, o seu banimento como insumo industrial e todas as suas formas de utilização.

Alguns países (Suécia, Dinamarca, Alemanha, Itália, França, Holanda, Suíça, Austrália, Nova Zelândia) já não utilizam o amianto, ou o utilizam de forma muito restrita, acirrando a polêmica do banimento, muito presente hoje no Brasil.

A polêmica centra-se, basicamente, em três correntes de pensamento, que propugnam:

- o banimento, pura e simples, com a sua substituição imediata por outras matérias primas industriais;
- o uso controlado, mantendo-se a sua utilização por um período predeterminado, com um banimento progressivo; e
- o uso controlado, puro e simples, sem previsão de banimento.

A seguir observamos a expressão de algumas das correntes defensoras de cada uma das posições:

Em relação ao banimento imediato, a FITCM - Federação Internacional dos Trabalhadores da Construção e Madeira *“apela para uma proibição a nível mundial das empresas de exploração de amianto e a produção, o comércio e o uso do amianto. Este é o único modo de proteger os trabalhadores destas perigosas fibras. Não existe nenhuma utilização segura do amianto”* (FITCM – Manifesto de Berna sobre amianto, 1991).

O uso controlado, com padrões estabelecidos de forma rigorosa e apontando para a substituição do amianto está proposto nas Diretivas 83/477 e 91/382 do Conselho das Comunidades Europeias sobre a proteção dos trabalhadores contra os riscos relacionados com a exposição ao amianto no trabalho. Assim, no Artigo 1º da primeira Diretiva observa-se... *“A presente directiva não prejudica a possibilidade de Estados-membros aplicarem ou adoptarem disposições legislativas, regulamentares ou administrativas que assegurem uma melhor protecção dos trabalhadores, especialmente no que diz respeito à substituição do amianto por produtos menos perigosos”* (FITCM, 1994).

O uso controlado associado à posição fortemente desfavorável ao banimento é defendido, principalmente pelas empresas associadas da ABRA – Associação Brasileira do Amianto. Em sua publicação *O Amianto no Brasil*, datada de março de 1996, observa-se a seguinte manifestação em relação ao tema: “*Uso controlado e seguro, a melhor saída – O uso adequado do amianto é a maneira correta de aproveitar suas qualidades e benefícios, sem prejuízos para a saúde dos trabalhadores*” (Abra, 1996).

São inúmeras as manifestações de instituições e entidades, governamentais ou não, em que as posições variam em torno destas três posições básicas, com algumas diferenças de enfoque técnico, quanto às formas de controle, aos limites de tolerância às fibras, ao tempo de exposição ou de substituição das fibras e, também algumas nuances de enfoque político-econômico em que, principalmente, invoca-se a questão do desemprego que seria causado pelo seu banimento, em especial na área de extração.

Cena II – Mario e Malena

Mario cresceu como cresce qualquer menino pobre e diferente de qualquer menino pobre pois lhe faltava a mãe. Antonio, seu pai, trabalhava numa fábrica de fibrocimento, lá mesmo em Pompeya, onde se fabricava, principalmente, caixas d’água para um acelerado crescimento da cidade.

Desde a morte de Ida, Antonio, que bebia muito pouco até então, começara a beber habitualmente. Todos os dias, ao sair da fábrica passava no Bar do Chino, na esquina de sua rua, onde todos os dias se podia ouvir tangos e, quase invariavelmente, ficava por lá até sentir que ao chegar em casa não teria tempo p’ra sentir o vazio que Ida deixava na casa, no quarto, na cama, na alma. O tempo suficiente p’ra dormir e esperar outro dia de trabalho, tango e sofrimento.

Com isto, as crianças – Mario e Eda, acabaram ficando, também, sem o pai. A tia, Cecília, na medida do possível buscava suprir o carinho e a atenção que faltava aos meninos.

Às sextas-feiras e sábados, Antonio, como que para se redimir, levava Mario ao Bar do Chino para ouvir tangos. Eram os únicos momentos em que Mario sentia algo, que muito tempo depois, já no final da vida, identificara como felicidade.

E Mario cresceu com o carinho da tia, os tangos de seu pai (e seus) no Bar do Chino e o sofrimento de ambos.

E Mario desde o *Donde estás corazón*, que cantara para Ida, nunca mais cantou, até que conheceu Malena.

Mario tinha, então, dezessete anos. Malena, vinte e um.

E Mario nasceu. Foi o primeiro beijo, o primeiro aperto no peito, a iniciação do amor, a vida, a luz, o deslumbramento, e a dor, a escuridão, a morte. E Mario morreu. Em seis meses, a paixão antes compartilhada foi renegada por Malena, que se foi. A linda piba mudou-se para Córdoba, tão longe quanto a distância, não sem antes dizer a Mario que nunca mais queria vê-lo pois já não o amava. E tudo aconteceu tão rápido como um furacão. Em poucos meses tudo mudou na vida de Mario.

Sua irmã casou, sua tia Cecília, doente, foi morar com a outra tia, Alícia, em Belgrano e seu pai, depois de vários amores mal sucedidos casou-se pela primeira vez, desde a morte de Ida.

Quando Antonio lhe falou que a empresa em que trabalhava estava contratando jovens operários, com bons salários, para trabalhar na mina de amianto, de onde era extraída a matéria prima para a confecção das caixas d'água, Mario de pronto decidiu ir embora. A mina estava localizada no norte da Argentina, em Tucumán, e Mario imediatamente se foi.

Todavia, pouco antes de ir, para surpresa de seu pai, do Chino e de todos os que tiveram um momento único em suas vidas de deslumbramento, Mario cantou um tango no Bar do Chino. O primeiro tango que, desde a morte de Ida, cantaria: *Malena ...*

Malena canta el tango como ninguna	Sólo sé que al rumor de tus tangos, Malena,
Y en cada verso pone su corazón.	Te siento más buena, más buena que yo.
A yuyo de suburbio su voz perfuma.	Tus ojos son oscuros como el olvido;
Malena tiene pena de bandoneón.	Tus labios, apretados como el rencor;
Tal vez, allá en la infancia, su voz de alondra	Tus manos, dos palomas que sienten frío;
Tomó ese tono oscuro de callejón...	Tus venas tienen sangre de bandoneón.
O acaso aquel romance, que sólo nombra	Tus tangos son criaturas abandonadas
Cuando se pone triste con el alcohol.	Que cruzan sobre el barro del callejón
Malena canta el tango con voz de sombra.	Cuando todas las puertas están cerradas
Malena tiene pena de bandoneón.	Y ladran los fantasmas de la canción.
Tu canción tiene el frío del último encuentro.	Malena canta el tango con voz quebrada.
Tu canción se hace amarga en la sal del recuerdo.	Malena tiene pena de bandoneón.
Yo no sé si tu voz es la flor de una pena;	

Narrativa II – O amianto em foco

O amianto, denominado também de forma bastante usual de asbesto, é o nome genérico de um grupo de minerais compostos de silicatos, dos quais se destacam a crisotila, a actinolita, a antofilita, a crocidolita e a amosita. As principais propriedades, comuns ao grupo, são a sua forma disposta em fibras e suas características de material incombustível e termoisolante.

As fibras minerais são encontradas em seu estado natural incrustadas na rocha em jazidas que, no Brasil, localizam-se principalmente em Goiás.

A variante mais comum do amianto, no Brasil, é a crisotila e os principais produtores mundiais são o Canadá e países da ex-URSS.

Sua aplicação, seja como componente preponderante de produtos finais industriais, seja como componente secundário ou como insumo de produtos variados é muito diversificada.

Podemos destacar seu emprego nos seguintes setores produtivos, por grupos de produtos:

1 - Setor de Construção Civil – Produtos derivados do Cimento amianto (fibrocimento), em especial telhas onduladas, placas de revestimento, divisórias, tubos, caixas d'água;

2 - Setor automotivo (autopeças) – Produtos de fricção tais como lonas e pastilhas de freio e discos de embreagem, em automóveis, trens, caminhões, tratores e guindastes;

3 - Setor têxtil – Produtos com características de isolante térmico, tais como roupas especiais e mantas de aplicação industrial;

4 - Setor papelero – Produtos de papel e papelão também usados pelas suas aplicações como isolante térmico;

5 - Setores metalúrgico, químico e aeroespacial – Produtos de vedação e revestimento.

Cena III – Mario Rojas canta para Antonio

O trabalho duro na mina de amianto era o lenitivo de Mario.

Malena pouco a pouco se transformava numa névoa de poeira de amianto umidificada com as lágrimas duras de Mario.

Quando algum companheiro de Mario o surpreendia chorando, Mario respondia: “*Este polvo me hace mal*”. E enxugava os olhos com a manga imunda do macacão...

A pequena vila próxima à mina onde viviam os operários tinha, além dos alojamentos dos operários menos graduados e de pequenas casas onde viviam algumas famílias dos supervisores e chefes, um pequeno comércio, dois armazéns, uma agência do correio, uma farmácia, uma escola, a igreja, o terminal de ônibus e, é claro, a casa das chicas – el puterio. Ao lado desta, a Taberna El Morocho.

A taberna, além de receber os operários no final do dia, recebia muitos viajantes - aventureiros, vendedores de produtos diversos e compradores do amianto. Invariavelmente, como acontecia sempre naqueles tempos em Tucumán, ouvia-se um tango arranhado ao fundo.

Entre uma e outra palavra de amor, sussurrada nas pequenas mesas empoeiradas da taberna, ouvia-se baixinho, uma sucessão interminável de lamentos.

Ora Fiorentino cantando *Gricel* com Troilo, ora Roberto Ray cantando *Vida Mia* com Fresedo, ora, ainda, Libertad Lamarque quase chorando com *Nunca tuvo novio*. Mario sentava-se sempre à mesa do fundo, a mais próxima de onde emanavam os tangos que sua mãe cantava quando ainda era um pequeno menino em Pompeya. Cada um dos tangos, que sabia de cor as letras, Mario cantarolava baixinho para Malena, para Ida e para Antonio. Quando algum companheiro lhe surpreendia chorando, a resposta vinha rápida: “*El asbesto me hace mal*”.

Mario estava em Tucumán há quatro anos quando recebeu uma carta de Eda, sua irmã. Antonio morrera. Tudo o que seu pai fôra e não fôra lhe veio como um terremoto de saudade no peito. Mario quis voltar ao que já não se volta, quis ser o que já não se pode ser e pensou como poderia ver Antonio, ainda que por uma última vez.

A taberna, nesta noite, estava mais cheia do que de hábito e Mario falou com Choclo, como era chamado o dono da taberna: “*Choclo, me gustaría cantar un tango*”. O dono da taberna, a princípio resistiu, preocupado com o que poderia ser um fiasco. Afinal, sua freguesia estava acostumada a ouvir tangos por quem sabia, embora através de seus velhos e arranhados discos. Mas, diante da insistência e firmeza de Mario, acabou concordando. Pediu, então, a Rodrigo, um dos garçons que tocava muito bem a guitarra que acompanhasse a Mario. Choclo, ainda um pouco inseguro, pediu a atenção de todos e anunciou: “*Amigos, hoy vamos a oír un tango cantado en persona*”, e apontando para Mario, anunciou: “*Mario Rojas - El obrero*”, batendo palmas discretas e solitárias.

Aos primeiros acordes de *Barrio de Tango*, a voz de Mario inundando o ambiente taciturno da taberna foi, pouco a pouco, emocionando cada uma

daquelas almas plenas de amores perdidos, dores insanas, feridas não curadas e, como no velório de Ida, a taberna se tornou frágil embarcação num mar de lágrimas, com Mario na proa, levando todos ao fundo do fundo do sofrimento humano e da saudade...

Un pedazo de barrio, allá en Pompeya, Durmiéndose al costado del terraplén;
Un farol balanceando en la barrera / Y el misterio de adiós que siembra el tren.

Un ladrido de perros a la luna, El amor escondido en un portón
Y los sapos redoblando en la laguna; A lo lejos, la voz del bandoneón.

Barrio de tango, luna y misterio, Calles lejanas, ¡cómo estarán!
Viejos amigos que hoy ni recuerdo, ¡Qué se habrán hecho, dónde estarán!

Barrio de tango, qué fué de aquélla, Juana, la rubia, que tanto amé.

!Sabrá que sufro, pensando en ella, Desde la tarde que la dejé!

!Barrio de tango, luna y misterio, Desde el recuerdo te vuelvo a ver!

Un coro de silbidos, allá en la esquina, Y el codillo llenando el almacén.

Y el dolor de la pálida vecina / Que ya nunca salió a mirar el tren.

Así evoco tus noches, barrio tango, Con las chatas entrando al corralón
Y la luna chapaleando sobre el fango y, A lo lejos, la voz del bandoneón...

E Mario viu Antonio na penumbra lhe sorrindo...

Narrativa III – Asbestose

Os problemas decorrentes da exposição ao amianto para a saúde do trabalhador são, basicamente, três: a doença ocupacional típica, exclusivamente atribuída ao amianto – Asbestose; o câncer de pulmão; e o câncer de pleura - Mesotelioma.

A Asbestose é uma pneumoconiose que, por definição, é doença pulmonar decorrente da inalação de poeiras minerais. A deposição das fibras minerais no tecido pulmonar leva à fibrose e restrição funcional progressiva.

O câncer de pulmão está diretamente relacionado à própria Asbestose, como decorrência desta, e à associação cumulativa com o hábito de fumar.

O Mesotelioma da pleura é uma outra forma de câncer, não necessariamente decorrente da Asbestose e, tampouco, associado ao hábito de fumar, mas diretamente relacionado à exposição continuada às fibras do amianto.

Outras doenças pulmonares e pleurais, além de outras localizações do organismo podem estar associadas à exposição ao amianto, porém, sem a

importância epidemiológica das três citadas anteriormente.

Qualquer das três doenças assinaladas ostenta um caráter evolutivo de extrema gravidade, no mais das vezes sem cura farmacológica ou cirúrgica.

A Asbestose, a principal doença do grupo, pode iniciar com sinais e sintomas respiratórios, como dispnéia e tosse, antes mesmo de haver anormalidades radiológicas no Raios X de tórax. Algumas vezes, sem qualquer sintoma presente, o Raios X apresenta alterações gravíssimas, denotando um comprometimento irreversível do pulmão.

Cena IV – Mario Rojas - El Obrero

Todas as sextas-feiras e sábados, Mario Rojas – El Obrero cantava e cantava. Cantava como se o tango fosse a sua doença e a sua cura, sua desgraça e sua glória, sua paixão e seu ódio e cantava.

Começava sempre com *Sur* e terminava, já alta madrugada, com *Toda la vida*. Assim foram dez anos na Taberna El Morocho, sem que uma só sexta-feira ou sábado Mario deixasse de cantar. As chicas da casa ao lado amaram Mario como se ama o sol. Mas Mario nunca deixou de amar Malena.

Quando Mario se envolveu mais longamente com Maria, uma das chicas do puteiro, pensara que poderia amar ainda uma vez, mas qual, Maria tornou-se apenas um tango a mais que Mario vertia em suaves murmúrios sempre que chovia e a taberna ficava quase vazia.

Choclo logo que viu que Mario era um dos grandes, contratou um bandoneonista – Juan Piro, que acompanhou El Obrero por aqueles dez anos.

Mario, por sua vez, continuou trabalhando normalmente na mina de amianto e nunca aceitou nada de Choclo, além do vinho da casa e de um ou outro assado, quando havia alguma comemoração na taberna.

El Obrero que já vinha há algum tempo sentindo os sintomas da doença – tosse, alguma dispnéia, só soube que estava com Asbestose quando por recomendação de um companheiro foi a San Miguel de Tucumán para uma consulta e, após uma radiografia de tórax, o médico lhe revelou do que se tratava, dizendo-lhe da gravidade da sua doença, pelo estágio em que se encontrava.

O médico, que lhe pareceu muito preocupado, falou-lhe também das centenas de operários que nos últimos anos haviam adoecido, muitos morrido daquela doença que Mario havia ouvido falar muito superficialmente.

Mario sentiu uma espécie de alívio. Talvez por saber que iria encontrar

Ida e Antonio e, quem sabe, esperar Malena, talvez por saber que não aguentaria passar o resto da vida cantando o tango sem cantar para Malena ou para outra mulher que amasse. E que estava certo que não existiria.

Mas, se não havia qualquer pena ou medo ou desgraça para si, o mesmo não se dava quando pensava em seus companheiros, talvez marcados para morrer. Então, começou a pensar, por que jamais se falava disto na mina?

Havia, decerto, um pacto de silêncio, e de tango em tango, Mario não havia dado a atenção devida a um ou outro operário que deixava escapar algo que ... claro!... muitas vezes houve algumas tentativas dos mineiros para discutir o problema dos pulmões de amianto. E, sempre, não se sabe porque, não se falava mais nisso.

Naquele sábado, Mario cantou seus últimos tangos na taberna... *Pan, Acquaforte*... tangos que falavam da exploração do homem pelo homem, da injustiça e da desigualdade entre os homens.

Cantou como se estivesse se dirigindo a uma *Senda Florida* e homenageou seu amigo Choclo com o tango que este mais gostava... *Como dos extraños*.

Cantou *El Choclo* e depois, em duetos imaginários com Malena e Ida cantou *Cristal e Malevaje*.

Ao fim, quando já *Nada* mais além de um tango lhe restava, cantou pela última vez ... *El corazón al sur*...

Nací en un barrio donde el lujo fué un albur,
Por eso tengo el corazón mirando al sur.
Mi viejo fue una abeja en la colmena, Las manos limpias, el alma buena...
Y en esa infancia, la templanza me forjó,
Después la vida mil caminos me tendió, Y supe del magnate y del tahúr,
Por eso tengo el corazón mirando al sur.
Mi barrio fué una planta de jasmín, La sombra de mi vieja en el jardín,
La dulce fiesta de las cosas más sencillas y la paz en la gramilla de cara al sol.
Mi barrio fue mi gente que no está, Las cosas que ya nunca volverán,
Si desde el día en que me fui / Con la emoción y con la cruz
!Yo sé que tengo el corazón mirando al sur!
La geografía de mi barrio llevo en mi, Será por eso que del todo no me fui:
La esquina, el almacén, el piberío los reconozco...
Son algo mio... ahora sé que la distancia no es real
Y me descubro en ese punto cardinal, Volviendo a la niñez desde la luz,
Teniendo siempre el corazón mirando al sur...

Última cena – Entrevista con Mario Rojas

A presente entrevista foi realizada por Homero Barcia, jornalista, poucos días antes da morte de Mario Rojas, aos 37 anos, no Hospital de la Provincia de Tucumán, em San Miguel de Tucumán.

HB – Como se pasó la transición del tango para la lucha contra la enfermedad del Asbesto?

Mario Rojas – No se pasó. El tango, todavía, continua. Sólo que ahora, como casi fué en toda mi vida, cántolo para mi, para Malena, como siempre, para mi papá y mamá. Ya no tengo fuerzas para cantarlo allá, hacia fuera. Bueno, la lucha se empezó cuando supo de la trampa que hacía la empresa con nosotros. Siempre que los jefes veían uno se quedar enfermo, luego le arreglavan un puntapie a la calle, y nadie se oponía a esto. Yo pasé muchos años en la mina sin saber que aquél polvito de amianto era nuestra desgracia. Así como yo que empecé allí, a los diez y ocho y allí, aún joven, me enfermé y me muro, muchos, millares de obreros por todos aquellos años perdieran su salud y su vida. Luchar contra aquella situación fué como pasar de un tango cantado hacia un tango bailado.

HB – El desarrollo de la lucha, como se dió?

Mario Rojas – En primer lugar desarrollamos la discusión en el sindicato y empezámos a charlar entre nosotros, sin que los jefes pudieran sospechar. Programamos, entonces, una primera manifestación, invitando algunos compañeros enfermos, licenciados o rechazados, sus familias, la prensa, las autoridades sanitarias de Tucumán, en los cuales teníamos confianza, y las chicas del burdel que sabían de todos los secretos de los jefes y de los dueños de la mina, que eran también los mismos dueños de donde trabajaba mi papá. En Buenos Aires, los compañeros del sindicato de aquella empresa hicieron, en el mismo día una manifestación. Fué una operación muy bien planeada, que llevó mucho tiempo. Desde entonces la empresa se puso a caminar con un poco más de precaución. De aquella ocasión hasta ahora pasamos todo el tiempo consolidando nuestra lucha, propiciando entrenamientos para los compañeros, produciendo material escrito, participando de encuentros por afuera.

HB – A que atribuye el éxito de la iniciativa?

Mario Rojas – !Ah! A las chicas del puterio. De todo y todos sabían y nos amaban. Pero, no hay, aún, que se hablar de éxito. Falta mucho hacia el éxito. Falta el reconocimiento de que salud no se vende, como hablan nuestros compañeros italianos. La salud es un bien de que no se puede disponer.

Falta, aún, el derecho de los trabajadores a conocer los riesgos

involucrados en la relación salud-trabajo, influenciar en su detección y participar activamente de su eliminación.

HB – Que más hace falta?

Mario Rojas – La eliminación del amianto y su sustitución por otros productos menos dañosos a la salud de los trabajadores y también a la población en general.

HB – No te preocupa el desempleo?

Mario Rojas – Hoy, con los pocos años de lucha y mucha lectura y charla sabemos que existe un movimiento internacional por la eliminación del amianto. Nuestra lucha no es solitaria. No estamos aislados. El movimiento social está en la búsqueda de nuevas alianzas en torno a ideas-fuerza, tales como: ninguna persona puede ser obligada a escoger entre vida contaminada o desempleo. Se trata para todos los integrantes de ese movimiento de sobrepasar las simples alianzas circunstanciales, y situarse en un plano ulterior a las mismas. Esa necesidad concreta tiene un nombre: LA RECONVERSIÓN DE LA INDUSTRIA DEL ASBESTO, imperativa en cuanto se sabe bien las consecuencias de su utilización, como dice Patrick Herman, el Coordinador General de la Red Mundial Ban-Asbestos.

HB – Y entonces, como hacer?

Mario Rojas – Como sabe usted, las posiciones son muy variadas y, muchas veces, antagónicas. Las contradicciones de las informaciones de alguna manera són llenas de pasión, casi como un tango. Unas veces hablan del amianto como un producto totalmente inocuo, basados en datos estadísticos ilusorios. Por otro lado, los que, como yo, desean la eliminación completa del amianto, muchas veces hablan como en la tangueria, entre borrachos y putonas, con su alma ferrada, que los defensores del amianto son hijos de puta. No que muchos no lo séan, pero hay que tener un fundamento ético, teórico y no sólo ideológico de la cuestión.

HB – Que fundamentos son estos?

Mario Rojas – Hemos observado, en los distintos documentos analizados, una característica propia del conflicto de carácter ideológico, cuya énfasis se coloca en la defensa apasionada y ofensiva de una o otra posición, contra o a favor de la eliminación del amianto. Entonces, lo que llamo de fundamentación ética y teórica se basa en algunos principios. Un primer principio que parte de la presuposición de que todas las tecnologías que aún utilizan el amianto se pueden reemplazar. Las que aún se tiene dificultades en hacerlo se deben, sin duda alguna, a la falta de pesquisas por acomodación de las propias empresas productoras con el problema de la enfermedad.

Un otro principio es de que el uso del amianto bajo control no está

comprobado que es infalible y, en este caso, los trabajadores no podrían asegurarse de que no enfermarían en el proceso. Tratase, así, de un fundamento ético. Mire a mi propio. No tuve la opción de no me enfermar.

HB – La adopción de tecnologías más limpias, al propiciar muchas veces el desempleo, tende a suscitar dudas en los obreros si esto es el mejor para ellos. Que te parece?

Mario Rojas – Es verdad. Por esto todo el proceso de discusión hay que hacerlo con la participación de los trabajadores. El desarrollo de una conciencia crítica no se hace con facilidad. Un otro aspecto es que la sustitución tecnológica no obligatoriamente determina la pérdida de puestos de trabajo. A veces hasta al contrario les acrecenta. Lo que pasa es que la nueva orden internacional del trabajo con sus rearrreglos de mercados, los procesos de globalización económica y la tendencia neoliberal en el mundo capitalista de disminución (hasta la desaparición) del Estado y la debilidad del movimiento sindical, en todas sus formas de organización, no dan espacio hacia la discusión de la salud de los trabajadores.

HB – Bueno, Mario, muchas gracias por la charla y una curiosidad: que tango, en este momento, usted gustaria de escuchar?

Mario Rojas – Ahn!... *El ultimo cafe...* que tal?



Referências Bibliográficas e Documentos utilizados no texto:

- ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO RIO DE JANEIRO, s/data, **Projeto de Lei Nº - Dispõe Sobre a Substituição Progressiva de Produção e da Comercialização de Produtos que Contêm Asbestos e dá outras providências**, Rio de Janeiro.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO AMIANTO, 1996. **O Amianto no Brasil**, 2ª ed., São Paulo.
- BIBLIOTECA DE LA CULTURA ARGENTINA, 1997, **Letras de Tangos - Selección** (1897-1981), ed. José Gobello, Nuevo Siglo, Buenos Aires.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS, 1996, **Projeto de Lei nº (Dos Srs. Eduardo Jorge e Fernando Gabeira)**, Brasília.
- CGT BRASIL, 1996, **A quem interessa o banimento do amianto? - Uma visão do uso controlado do amianto, fonte geradoras de empregos e progresso**, São Paulo.
- COMISSÃO NACIONAL DO AMIANTO/CNTI, s/data, **Manifesto**, São Paulo, mimeo.
- COMITÊ ASSESSOR EM DOENÇAS PULMONARES AMBIENTAIS E OCUPACIONAIS, 21/08/96, **Carta ao Sr. Professor Doutor Adib Jatene Ministro da Saúde**, Brasília.
- CUT NACIONAL, 23 e 24/10/96, **Relatório da X Reunião do Coletivo Nacional de Saúde, Trabalho e Meio Ambiente**, mimeo.
- DIESAT, 1996, **Informativo Diesat - Xô amianto**, São Paulo.
- ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, 1990, São Paulo.
- FITCM (Federação Internacional dos Trabalhadores da Construção e Madeira), 1994. Série FITCM Saúde e Segurança **Proibir o amianto**, FITCM, Genebra.
- GIANNASI, F, s/data, **O Amianto no Brasil: uso controlado ou banimento?**, São Paulo, mimeo.
- JORNAL DO BRASIL, 2/11/92, **Ciência/Ecologia - Projeto proíbe o amianto no Rio (Guilherme Fiuza)**, Rio de Janeiro.
- L'INSTITUT DE L'AMIANTE, s/data, **Ban Asbestos: une supercherie de fanatiques**, Canadá, mimeo.
- L'INSTITUT DE L'AMIANTE, 1994, **L'amiante chrysotile: interdire ou contrôler?**, Canadá, mimeo.
- MENDES, R., 1995, **Patologia do Trabalho**, ed. Atheneu, Rio de Janeiro.
- METAIS DE GOIÁS S/A - METAGO, 1994, **Posicionamento do Governo do Estado de Goiás em relação a substituição do Amianto no Setor de Autopeças**, Goiânia, mimeo.
- ODIA, 3/10/92, **Cidade - Fábrica de amianto ameaça saúde dos moradores da Pavuna**, Rio de Janeiro.
- O GLOBO, 7/96, **Estudo ajudaria a banir amianto do Brasil (Maurício Zágari)**, Rio de Janeiro.
- PROGRAMA DE ESTUDIOS DEL ASBESTO Y RIESGOS DEL TRABAJO - AFA, 1996, **Amianto - Salud y Trabajo**, Peru.
- SECRETARIA DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA/DIVISÃO DE MEIO AMBIENTE E ECOLOGIA HUMANA, s/data, **Parecer da Secretaria da Vigilância Sanitária sobre o Mineral Amianto no Brasil**, Brasília, mimeo.
- SEMINÁRIO "ESTRATÉGIA PARA O BANIMENTO DO AMIANTO NO BRASIL, 22/10/96, **Relatório de Atividades**, São Paulo, mimeo.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE AMIANTO, Milão, abril de 1993. **O lado obscuro da história do Asbesto (Os verdes no Parlamento Europeu)**, mimeo.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE OSASCO E REGIÃO, 1994. **Acordo para substituição do Amianto no setor de autopeças**, Osasco, mimeo.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE OSASCO E REGIÃO, s/data, **Asbesto -Amianto/ Problema Mundial de Saúde/Proibir para Proteger - Saúde só para exportação**, Osasco, coletânea/mimeo.

Tangos por ordem de citação – serve como roteiro de trilha musical da leitura

- 1 - **Pero yo sé**, Azucena Maizani. Canta Azucena Maizani. Gravação de 1928.
- 2 - **Confesión**, Enrique Santos Discépolo. Canta Tania. S/data.
- 3 - **Donde estás corazón**, A. P. Berto e M. Serrano. Canta Ignacio Corsini. Gravação de 1927.
- 4 - **Malena**, Homero Manzi (letra) e Lucio Demare (música). Canta Roberto Goyeneche. Primeira gravação (1942).
- 5 - **Gricel**, José Maria Contursi (letra) e Mariano Mores (música). Canta Fiorentino. Gravação de 1942.
- 6 - **Vida Mia**, Emilio Fresedo (letra) e Oswaldo Fresedo (música). Canta Roberto Ray. Gravação de 1934.
- 7 - **Nunca tuvo novio**, Enrique Cadícamo (letra) e A. Bardi (música). Canta Libertad Lamarque. Gravação de 1930.
- 8 - **Barrio de Tango**, Homero Manzi (letra) e Anibal Troilo (música). Canta Fiorentino. Gravação de 1942.
- 9 - **Sur**, Homero Manzi (letra) e Anibal Troilo (música). Canta Raul Lavie. Primeira gravação (1948).
- 10 - **Toda la vida**, José Maria Contursi (letra) e Anibal Troilo (música). Canta Fiorentino. S/data.
- 11 - **Tiempos viejos**, Manuel Romero (letra) e Francisco Canaro (música). Canta Enrique Dumas. Primeira apresentação em 1926. S/data.
- 12 - **Maria**, Cátulo Castillo (letra) e Anibal Troilo (música). Canta Horacio Molina. S/data.
- 13 - **Pan**, de E. Pereyra e Celedonio Esteban Flores. Canta Carlos Gardel. Gravação de 1932.
- 14 - **Acquaforte**, Horacio Petorossi (música) e Juan Carlos Marambio Catán (letra). Canta Agustin Magaldi. Primeira gravação (1933).
- 15 - **Senda Florida**, R. Rossi e E. Cárdenas. Canta Carlos Gardel. Gravação de 1930.
- 16 - **Como dos extraños**, José Maria Contursi (letra) e Pedro Laurenz (música). Canta Roberto Goyeneche. Primeira gravação (1940).
- 17 - **El Choclo**, Enrique Santos Discépolo (letra) e Ángel G. Villoldo (música). Canta Raul Beron. S/data.
- 18 - **Cristal**, Mores e Contursi. Canta Susana Rinaldi. S/data.
- 19 - **Malevaje**, Enrique Santos Discépolo (letra) e Juan de Dios Filisberto (música). Canta Azucena Maizani. Gravado em 1928.
- 20 - **Nada**, José Damés e H. Sanguinetti. Canta Julio Sosa. S/data.
- 21 - **El corazón al sur**, Eladía Blásquez. Canta Horacio Molina. Primeira gravação (1975).
- 22 - **El último café**, Cátulo Castillo (letra) e Héctor Stampone (música). Canta Jorge Maciel. Primeira gravação (1963).

Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ), março de 1997

Todavia o peito já não cala
Já não guardo a voz indignada
A força que me sai é a voz que fala
Que voa livre embora acorrentada

Pois se eu não canto
Quem canta por mim?

E se eu não choro como poderei sorrir?

Não quero apenas que meu grito seja um fim
Mas que seja o eco das vozes que hão de vir

E mesmo então que eu seja emudecido
No libertar que de meu corpo emana
Eu estarei somente adormecido
P'ra despertar em cada voz humana

* musicada por Wilson Valença e Fadel



Um rábula em apuros

(Buscando relações entre o Direito e a Saúde)

Acostumado às portas de delegacia, o modesto advogado resolveu incursionar no tema da saúde, desde que se apaixonou por Desirée – a enfermeira – que lhe ensinou que saúde é um direito de todos e dever do Estado. E no estado em que o rábula se encontrava, merecia ter direito à saúde para dedicar-se salubrememente ao amor de Desirée – a enfermeira –. E por aí foi.

O rábula

Quinze anos advogando pequenos delitos.

- E aí meu amigo, que que houve?
- Dei umas porradas no meu vizinho que não quis abaixar o som às duas da manhã.
- Já tem advogado?
- Não, mas será que vai precisar?
- Claro, isso é um crime de ação pública, artigo 129, e se você não tiver um bom advogado pode pegar até 1 ano.
- 1 ano? E quanto é que fica?
- Não se preocupe que não vai pesar no seu bolso. Você trabalha em que?
- Sou animador cultural.
- Pô, cara, animador cultural e se emputeceu com o som na madrugada?
- Sou animador cultural de festa de criança. Durmo às 10 da noite.
- Ah!

Quinze anos conhecendo a miséria humana, quinze anos vendo coisas que ele não acreditaria se tivesse conhecido através dos livros que, aliás, não eram muito a sua praia.

Em seu pequeno apartamento na Voluntários da Pátria, em Botafogo, o que um solteirão de 41 anos, duro e sem perspectivas podia ter, além de garrafas vazias de gim, velhas Playboy espalhadas em todos os cantos e uma dor imensa de se sentir um rábula, advogado de merda. Livros?

Que livros podem mudar o destino das pessoas? Livros de auto-ajuda? Filosofia? O Kama-Sutra, a Bíblia? Danem-se os livros. Já chega essa merda do Código Penal ocupando espaço em cima da geladeira. Antes estivesse lá um pingüim de fraque. E mais a velha Enciclopédia Britânica que tinha sido de seu avô. E ele nem sabia mais porque ela ainda estava lá, com a notícia mais recente de que estava sendo construído um muro em Berlim para dividir de vez a Alemanha em duas.

Para quem odiava pessoas e rituais, mais rituais do que pessoas, seu ritual era bem ortodoxo. Às sextas e sábados, trabalhava na madrugada. Era freguesia certa. Nos outros dias da semana, exceto às 4^{as} feiras quando tirava o dia p'ra ir ao Cinema Íris, na Rua da Carioca, e depois tomar um chopp no Bar Luiz, ia para a porta da delegacia por volta das 4 da tarde, horário em que começavam a aparecer todas as merdas federais da humanidade e ficava até meia-noite, uma hora da manhã. Seus pontos preferenciais eram a 12^a DP na Hilário de Gouveia, onde tinha uns amigos no Pavão Azul, boteco em frente, e a 9^a DP, na esquina da Pedro Américo, no Catete. Mas, às vezes, mudava de ponto, lá pelo centro da cidade, onde aproveitava para rever o Villarino e o Cosmopolita, seus bares prediletos dos tempos da Faculdade, quando ainda sonhava em ser ministro do Supremo Tribunal Federal, ou do Superior Tribunal de Justiça, coisa que hoje se arrepia só de pensar na furada que teria sido morar em Brasília e, em nome da suprema justiça, decidir soberanamente sempre a favor dos poderosos.

A bem da verdade até nem odiava muito as pessoas. Ele mesmo sabia que estava odiando as pessoas porque, no fundo, no fundo, estava odiando a si mesmo, mas, incontrolável, a vida lhe levava, com mais intensidade do que a Zeca Pagodinho.

Até que surgiu Desirée – a enfermeira.

Desirée – a enfermeira

Desirée, em francês, desejada. Desirée sempre desejada, justificada em seu nome, desejada Desirée. Idéia de sua mãe que só conhecia uma palavra do francês: desirée. Nem ela sabia de onde, de quando ou porque, só sabia que se tivesse uma filha algum dia ela seria Desirée. E teve. E se chamou Desirée, a contragosto do seu Tião, o pai. Quando Desirée tinha 14 anos e um colega da Escola, cuja mãe tinha sido exilada política na França, lhe falou que a palavra desirée significava desejada, coisa que incrivelmente ela não

sabia até aquele momento, ela perguntou à Dona Maria de Lurdes, sua mãe, se ela sabia o que significava seu nome. Coincidência ou não, Dona Maria de Lurdes, que sempre fora muito católica, passou a freqüentar a Assembléia de Deus, desde então.

– Olá, senhora ... senhorita ... o que aconteceu?

Desirée estava de olho roxo, rosto inchado e vermelho, não se sabe se de chorar, se de apanhar, ou um misto de ambos. Calada estava, calada continuou.

– Senhora ... senhorita ... só quero ajudar. Sou advogado.

Desirée olhou devagar para o rábula e sentiu algo estranho. Sentiu uma ternura que há muito, há muito mesmo, já não sentia. Sentiu confiança e uma espécie de companheirismo naquele homem, simples e modestamente vestido para um advogado! Nove anos casada com um canalha lhe conferiam uma experiência para ver em outro homem algo por trás da alma. E o que ela estava enxergando era algo bom, muito bom.

– Meu marido me deu uma surra.

– Oh! Senhora, lamento muito.

– Não, tudo bem, já passou e dessa vez foi a última.

– Já havia acontecido antes?

– Dessa forma não.

– Bem, eu posso lhe ajudar, de alguma forma? A senhora já tem advogado?

– O meu irmão está vindo p’ra cá e ele ia contactar um amigo dele.

– Bom, vou lhe deixar meu cartão, se a senhora precisar de alguma coisa...

– Não, espere um pouco, eu vou ligar p’ro meu irmão e já lhe digo alguma coisa, pois eu quero resolver logo isso...

As noites de junho em Santa Teresa são sempre muito frias. No bar do alemão, em frente ao castelinho, duas garrafas de vinho sobre a mesa, o rábula tira um pedaço de papel do bolso e entrega-o a Desirée:

– Fiz p’ra você.

*Tem um momento na vida da gente
Que acontece alguma coisa
Que a gente não sabe explicar
Uma espécie de milagre sem fé
Que nos tira do chão e nos põe de pé
Uma espécie de mudança sem plano
Que nos faz compor uma sonata sem piano*

*Algo como um vôo sem asas
Como ter acesso a todas as casas
Sem entrar pelas portas
Algo como acertar as linhas por linhas tortas
Algo como ver rostos e caras na multidão
Onde antes só se via ajuntamentos de solidão
É um momento em que o coração passa a fazer parte do corpo
Porque passou a fazer parte da alma
E a gente sente ele bater
É um momento em que passa a existir sentido
Para todas as coisas
Inclusive para as coisas sem sentido
E esse momento chegou p'ra mim
Porque eu cheguei p'ra você
Algo como uma coisa há muito desejada
Que o coração não via e agora vê
Algo como você
Desirée.*

Um rábula em apuros

– Meu amor, eu não sei se eu vou conseguir estabelecer essa relação entre o direito e a saúde, na linha do que você está imaginando. Minha formação de advogado só chega a atingir o ponto em que o direito à saúde é o direito de fazer valer a norma estatuída para que as pessoas possam ser atendidas em suas necessidades de saúde. Não é isso?

– Esse é o lado legalista, o lado do processo judicial. Você pode, se quiser e ousar refletir, ir além disso. Tomando nas mãos a história do sistema de saúde brasileiro, você vai ver uma série de coisas bastante interessantes, em que o campo do direito esteve todo o tempo presente e em todo o tempo não propiciou que se estabelecessem relações mais estreitas com a saúde como áreas concorrentes para o aprimoramento do aparelho de Estado, por exemplo....

– Me dá um beijo e depois eu deixo você dar o exemplo.

(beijo)

- ...por que a idéia do direito à reparação dos danos à saúde dos trabalhadores não teve historicamente o mesmo tratamento jurídico, por parte do Estado, que teve uma troca de sopapos entre vizinhos?
- Porque a norma jurídica foi sendo criada e aprimorada para regular o contrato entre as partes, estabelecendo seguros obrigatórios para a reparação dos danos...
- ... ou seja, considerando que o casamento é um contrato entre as partes, se o meu ex-marido tivesse obrigação de contratar um seguro para reparar a minha saúde, ele podia me enfiar a porrada?
- É diferente, meu amor. Se o patrão enfiar a porrada no empregado ele vai responder na justiça igualzinho ao seu ex.
- E qual é o seu conceito de enfiar a porrada? Se o empregado morrer no dia-a-dia pelas péssimas condições de trabalho isso pode?
- Não é bem assim. Se ficar provado...
- Ah! Da mesma forma que eu tive que provar que fui espancada?..
- Bem, a regulação do trabalho tem regras próprias...

O rábula começou a se interessar pelo tema da saúde. Não porque estivesse em apuros, tentando responder a tantas perguntas complicadas. Não porque o amor faz coisas incríveis, pensava ele, mas, muito mais porque pela primeira vez um tema do direito lhe interessava de verdade. Desirée era enfermeira sanitária e vinha trabalhando com a questão da Vigilância Sanitária, há alguns anos. Acostumada a ouvir a expressão direito sanitário com uma conotação muito restrita, sempre adstrita à aplicação de normas jurídicas, com uma conotação estrita de direito administrativo, desde que se apaixonara pelo rábula, ao sentir nele uma vontade latente de sair de seu mundinho de delegados e delegacias, e com a intenção de provocar nele algumas reflexões sobre as questões direito-saúde, descobriu-se questionando uma série de coisas, espécie de brechas teóricas e práticas no trato dessas questões. E ao questioná-lo, aprendia a refletir e sentia que os dois poderiam pensar juntos coisas incríveis do amor, do direito, da justiça e, quem sabe, da justiça de fazer amor direito.

O rábula sentia-se bem, muito bem, por amar e amar, por se sentir amado e amado e por se sentir instigado por sua amada para pensar e repensar seu papel de advogado, naquilo que era mais essencial em qualquer profissão. P'ra que serve isso? Se a profissão só serve para legitimar um modelo, do qual discordamos em essência, dane-se a profissão que o modelo já está lascado. Mas se o modelo merece ser preservado, é preciso repensar a forma de exercer a profissão para preservá-lo e aprimorá-lo. E o modelo de saúde

brasileiro, Desirée havia lhe convencido de que era belo. E, ao se sentir convencido de que era mesmo, naquele momento pareceu-lhe querer aprimorá-lo, estudando melhor essa coisa direito e saúde. Mas, o desafio era grande.

– Ô, amor, uma semana nas montanhas, discutindo sem pressa e lendo algumas coisas sem pressa, entre uma e outra rodada de fazer amor sem pressa, vale mais do que um ano de pós-graduação em Harvard.

– Está bem, mas se você só quiser saber de meter eu volto. Está avisado.

– OK.

Quando vai descendo a tardinha e, devagarzinho, vai aumentando o frio na Serra do Cipó, as estrelas vêm conversar com você.

– Eu amo você, Desirée.

– Eu também te amo, mas veja o que as estrelas estão nos dizendo:

– *“La vida no puede esperar a que las ciencias expliquen científicamente el Universo. ... El atributo más esencial de la existencia es su perentoriedad: la vida es siempre urgente.”*

– Eu não sabia que as estrelas das montanhas de Minas falavam espanhol.

– Só quando elas estão citando Ortega y Gasset. Mas elas falam mesmo é português. Ouça-as.

As estrelas perguntam ao rábula:

– Senhor advogado: se o Sistema Único de Saúde é a consolidação de um movimento reformista, expressão de uma posição de contra-hegemonia a um modelo elitista e excludente, profundamente calcado e expresso no direito universal à saúde garantido pelo Estado e pautado por princípios doutrinários de integralidade, equidade e universalidade, com a participação popular como fiel depositária do modelo, onde fica o campo do direito nisso e a atuação de seus operadores? Ficarão esperando sentados as ações judiciais menores, p’ra defender ou impedir o ganho individual de um remédio aqui, de uma internação acolá?

O rábula ficou pensativo vários e tantos e muitos minutos. Desirée e as estrelas olhavam pacientemente para ele. Uma estrela cadente, de tantas que caem a cada noite de inverno na Serra do Cipó, parecia provocar o rábula para uma solicitação de um desejo, ou para uma manifestação de um desejo. Afinal, se ele já tinha para si Desirée, a desejada, o que mais poderia desejar, senão a capacidade de rever seu papel sobre o mundo. Sim, essa era a provocação da estrela cadente que, ao contrário das outras, nada disse, apenas passou... e ele resolveu falar.

– Eu penso que as aspirações do “movimento sanitário”, com a edição da Constituição Federal de 1988, em que se ergue e se sustenta o SUS que, a

propósito, em latim significa *para cima* e em português é coragem, ânimo, não se perderão em sua utopia transformadora, se algumas coisas acontecerem. Da minha parte, como profissional do campo do direito, começo a perceber que existem mais buracos dentro do que embaixo. Por exemplo, de seus princípios de integralidade, equidade, universalidade, o que faz o direito com eles? Como as chamadas ciências jurídicas lidam com esses conceitos, como os interpretam, como lhes emprestam relevância?

– É, amor, será que é compreensível no campo do direito, a idéia de integralidade em saúde, por exemplo?

– Já estou certo que não. Para aqueles que pensam a saúde, compreendida na sua utopia generosa de que todos têm direito a ela, a idéia de integralidade vai muito além do que o direito, ou a ciência jurídica, isoladamente poderia conceber. É difícil compreender, por exemplo, no *stricto sensu* do direito, a unificação do binômio prevenção-cura, em que a eliminação e o controle dos fatores determinantes de doença é ação de saúde mais definitiva e mais relevante do que a prestação de assistência médica. É difícil, também, compreender a integralidade como desfragmentação do corpo individual e do corpo coletivo, que a prática da medicina assistencial secularmente consolidou, a sociedade acatou, a saúde pública tenta modestamente reverter e o SUS propugna, mas não consegue viabilizar efetivamente.

– As ciências do direito poderiam contribuir para melhor interpretar essa idéia de integralidade, auxiliando na sua implementação.

– Exato. A compreensão clássica de Direito Sanitário, enquanto conjunto ou complexo de normas ordenadoras e disciplinadoras do exercício das funções dos entes públicos, com interesse na preservação da saúde da população, não deslinda de nenhum modo o significado de integralidade, tampouco de equidade, de universalidade e, muito menos, de participação popular – controle social p’ra ser mais exato – como parte indissolúvel do sistema de saúde brasileiro. Quer um exemplo claro? Que dimensão jurídica é dada à ausência ou presença de mecanismos de controle social, que podem influenciar ou não a tomada de decisões para garantir a saúde da população? Como interpretar a norma? Como ir além dela? Como contribuir para aprimorá-la?

– É, parece verdade que sem compreender a dinâmica social, em cada realidade local, cujos mecanismos de pressão política, coerção e cooptação, podem anular o controle social, pilar de sustentação do SUS, como rede complexa de responsabilidades públicas, a doutrina jurídica e a jurisprudência podem contribuir para a inviabilização dos objetivos do sistema de saúde.

– Perfeitamente, o direito e seus operadores não trabalham nessa perspectiva

geo e socialmente referenciada. Na verdade, o direito clássico e todo o seu acervo, com base nas fontes do direito – a lei, a jurisprudência, o costume, a doutrina e seus princípios gerais – quando tratam das questões de saúde o fazem no rastro do Direito Sanitário, cujas bases de análise e intervenção remontam a um tempo em que não existia o SUS, nem sua ideologia, nem sua lógica estrutural, nem sua concepção doutrinária.

– Meu amor, eu faria amor com você.

O rábula, Desirée, o direito, a saúde, o SUS e o amor

Quando o dia vai amanhecendo na Serra do Cipó há um momento em que, parece proposital, os pássaros cantam de tal modo ensurdecedor que é impossível não acordar. Desirée, pássara desejada, ao abrir os olhos sob o manto sonoro da passarada aparentada, vê o rábula rabiscando algumas palavras a seu lado. Sutilmente, ela estica o olhar e consegue ler..

Poema da concessão doutrinária sanitária a novas formas de amar

Haverá alguma forma inusitada de amar
Que se espelhe em complexidades sistêmicas
Como, por exemplo, a das políticas sanitárias?

Por certo que não, pois mais tem o amor a oferecer em modelagem
Do que a política ao amor ofertar nova roupagem.

Contudo, se a alma aberta e amante não separa
Exultação poética de militância política,
E se não separa engajamento de deslumbramento,
Tampouco separa indignação de perplexidade,
É possível apreender novas formas de amar
Espelhadas na doutrina sanitária.

Veja, pois, que da equidade – tema relevante,
Em cenário de necessidades emergentes,
Corretiva de desigualdades injustas,

Interpotente de acessos em ampliadas frentes,
Extrai-se a palavra decisiva
Eqüidade de tocarmos nossas mãos,
Como mãos iguais que colhem as mesmas flores,
Eqüidade de ver em nossos olhos
O mesmo olhar projetado no horizonte,
Eqüidade de tocarmos nossos corpos,
Como árvores idênticas que se tocam nas raízes.

E veja, mais ainda, o que se depreende
De universalidade
Palavra igualmente decisiva
Abrangente em generosidade
Includente, concessiva, cidadã
Tal como a capacidade de nos incluirmos
Em nossos universos recíprocos
E de tão universais
Tornarmo-nos infinitos
Cada um de nós para nós dois.

Mas, não se satisfaça apenas com apenas
Pois de integralidade extrai-se mais ainda,
Que da compreensão da unicidade compartilhada
É possível compreender o impacto da fusão
Da ternura com o tesão,
Aquele velha coisa de seremos um só e tudo o mais para todo o sempre,
Integralidade nada mais pois.

E tanto há de aprendizado na doutrina quanto mais se analogize.

Pois que quanto ensinamento haverá na descentralização
Que possa nos fazer impunemente

Descentralizar os serviços de nossas mãos
Para as regiões mais distantes,
Da ponta dos pés ao cerebelo,
E que possa
Trazer de nossas línguas enredadas,
A verdade descentralizada
De nossos lábios tocando nossos corpos
Quais pincéis de Caravaggio
Nas telas nuas de nossos sonhos.

E então, bem-vinda e benfazeja, que se avizinhe essa doutrina
Como ave anunciante sanitária
De saudar nossos corpos e nossas almas
Sem controle social que a circunscreva
Mas com o descontrole sensual que a exulte.
Pois se me foi dada a equidade de tê-la em minhas mãos,
Tens-me integral, universal e hierarquizado a teus pés.



Bibliografia citada

Brasil, 2002. Constituição da República Federativa do Brasil. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura.
Ortega y Gasset J., 2003. **Misión de la universidad. Obras completas. Tomo IV.** Madrid: Revista de Occidente. 1957, p 342.

Rio de Janeiro, ENSP/Fiocruz, 25 de junho de 2004.

O menino que queria mudar o mundo

(Para Felipe – filho do Flávio – 1987 – Registro – SP)

Era uma vez um menino que, cansado de ver as injustiças do mundo, resolveu transformá-lo.

Ele olhou para os pobres e viu tanta pobreza...
...olhou para os ricos e viu tanta riqueza...
...olhou para os avarentos e viu tanta avareza e
olhou para os injustos e viu tanta injustiça
que decretou para si mesmo, seus pais e seus amigos:

“Eu vou transformar o mundo porque isso não pode continuar assim.

*A terra deve ser repartida por aqueles que a
acariciam e nela trabalham.*

A riqueza deve ser repartida entre aqueles que a produzem.

A justiça deve ser justa mesmo e igual para todos.

*E todos, todos, sem distinção de cor, raça, sexo ou
religião devem ter seus direitos garantidos.*

E todos também devem ter direitos iguais:

*À saúde, à educação, ter casa – e casa boa!, trabalho,
bom salário e prazer de viver...!”*

Assim foi pensado, assim foi dito e assim foi feito!

O menino saiu, então, pelo mundo para transformá-lo.

Ernesto Felipe era seu nome, mas como era um nome grande, ele resolveu adotar o nome de “Ernesto Fê” ou simplesmente “Fê”.

E, assim como Fê, ele foi para a estrada com sua missão mágica.

Na estrada, então, ele logo encontrou uma cobra que lhe barrou o caminho e perguntou:

- Aonde vais Fê?
- Vou mudar este mundo, dona cobra!
- Mas, para transformar o mundo você precisa de um poderoso veneno!

Veja eu, se alguém me ataca eu lhe injeto meu veneno e aquele que me ataca morre!

E Fê seguiu seu caminho pensando em conseguir um veneno poderoso, quando encontrou um gambá que deteve seu andar:

– Aonde vais Fê?

– Procuo um veneno poderoso para transformar o mundo, seu gambá!

– Mas, Fê, o que é isso? As cobras têm veneno e elas nunca transformaram o mundo. O que você precisa é de um cheiro ruim no seu corpo. Veja eu, quando algum inimigo se aproxima meu cheiro o espanta...

E aí, Fê foi pela estrada buscando um cheiro insuportável para transformar o mundo quando encontrou um porco-espinho que lhe barrou o caminho:

– Aonde vais Fê?

– Ando atrás de um cheiro ruim para transformar o mundo, seu porco-espinho!

– Escuta Fê, este mundo está cheio de gambás com seu cheiro horrível e eles nunca transformaram o mundo. O que você precisa é de bons espinhos, grandes e resistentes como os meus. Veja eu, todos têm medo de se aproximar de mim...

E Fê, fiel ao seu objetivo, seguiu seu caminho buscando espinhos quando um camaleão barrou seu caminho:

– Aonde vais Fê?

– Procuo espinhos para transformar o mundo, seu camaleão!

– Mas Fê – disse o camaleão – os porcos-espinhos, com tantos espinhos, nunca transformaram nada no mundo. O que você precisa é de um bom disfarce, assim como o meu! Meus inimigos jamais me percebem, jamais me encontram.

E Fê, já um pouco cansado e indeciso, seguiu caminho pensando num disfarce, quando encontrou um velho, mais velho que a velhice! sentado na beira da estrada, com um ar triste e cansado:

– Aonde vais, menino?

– Procuo um disfarce para transformar o mundo, velhinho!

– Para que o disfarce, meu filho?

– Porque assim meus inimigos não me encontrarão...

– E nem seus amigos o encontrarão também, meu filho...

- |
- |—
- Então, buscarei espinhos grandes e resistentes...
 - Os espinhos não escolhem a quem ferir e podem ferir a você mesmo...
 - Então, buscarei um mau cheiro, meu velho...
 - Mas, como você mesmo vai suportá-lo se o cheiro não vai sair do seu corpo?
 - Então, buscarei um poderoso veneno...
 - Mas, meu filho, se esse veneno nem é seu, você pode se envenenar com ele!..
 - Então, meu velho, como faço para transformar o mundo, num mundo melhor, de justiça e igualdade para todos...?
 - Meu filho, use a palavra, faça da palavra sua grande arma para transformar o mundo! Com a palavra você faz uma grande revolução...!
 - Entendo, velho, mas como..., você, sabendo disso, não transformou o mundo?
 - Porque a palavra é a sua arma, mas a munição da arma é a coragem, e eu não tive coragem, não carreguei a minha arma. Mas você, menino, pode fazer isso, porque você tem a palavra e a coragem. Você, sim, pode transformar este mundo. É só querer!

FIM

RIR (1979)*

Sou dos olhos sem promessas,
Sem riquezas, esperanças.
Tenho as mãos sujas
do sangue das notícias.
Trago no meu peito
as marcas das sevícias.
Sou palhaço nessa espera,
Sou ator nessa quimera.
Sou sem volta – sem destino.
Sou lamento – desatino.
A mão da criança de palma p’ra cima.
A pisada.
O tiro.
O grito.
A força. A força. A faca.
Só me resta mentir
E rir.
E rir.

* musicada por Wilson Valença e Fadel



A peleja entre o satanás e a mulher guerreira sobre a luta da mulher brasileira

Para Angela Barbosa (in memoriam)

COMO TODO MUNDO VIU
NA PELEJA COMEÇADA
A NOSSA MULHER GUERREIRA
SEGUINDO NA EMPREITADA
ENCAROU O SEU SATÃ
EM PLENA LUZ DA MANHÃ
P'RA MUDAR EM TUDO O NADA

CONTESTANDO O COXO BRUTO
QUE DIZ QUE MULHER É FROUXA
DISSE AO SATÃ: ÉS ASTUTO
MAS BEM NO FUNDO ÉS UM TROUXA
POIS A MULHER BRASILEIRA
TEM A FIBRA VERDADEIRA
DE QUEM TEM A COISA ROXA

QUANDO DIZ, SEU SATANÁS,
QUE MULHER É MULHERZINHA
É AQUELA QUE FICA ATRÁS
SÓ PASSA, REZA, COZINHA
NÃO SABE O QUE ESTÁ DIZENDO
OU TEM A MENTE FERVENDO
OU É SUA MAMÃEZINHA

PALAVRAS INCONSEQÜENTES
CUIDADO QUEM VEM ATRÁS
MULHERES MUITO VALENTES
DERRUBAM O SATANÁS
MOSTRAM COM MUITA FIRMEZA
QUE ALÉM DA SUA BELEZA
AS MULHERES SÃO DEMAIS

LUTANDO TODOS OS DIAS
HEROÍNAS VERDADEIRAS
MÃES, AVÓS, SOBRINHAS, TIAS
MULHERES BRAVAS, GUERREIRAS
SUSTENTANDO EM SUA MÃO
O BRASIL - ESSA NAÇÃO
MAL AGUENTADO NAS BEIRAS

A MULHER TRABALHADORA
SEGURA QUALQUER ROJÃO
É DOS FILHOS CUIDADORA
COM TAL DETERMINAÇÃO
MAS VÊ SUA VIDA SUGADA
NA DUPLA E TRIPLA JORNADA
SE NÃO TOMAR DECISÃO

POIS FALTA AO NOSSO PAÍS
MUITA VERGONHA NA CARA
TEM SATÃ A DAR COM O PAU
DISFARÇADO DE 'CAIÇARA'
'DEMÔNIO', 'DIACHO', 'BEIÇUDO'
'TINHOSO', 'CAPETA', 'RABUDO'
'CAFUTE' E 'CARA DE MAU'

POIS MEU PREZADO ELEITOR
TEM 'EXU' TÃO ESPALHADO
DISFARÇADO COM PRIMOR
POR ISSO TOME CUIDADO
QUE O MELHOR DESSE DISFARCE
AINDA QUE NÃO BASTASSE
É O QUE VEM DE DEPUTADO

É SÓ P'RA VOCÊ QUE EU FALO
E A VOCÊ ME DIRIGIA
SE PISAREM NO SEU CALO
NÃO PERCA SUA ALEGRIA
POIS ESTOU MUITO CONTENTE
DE SABER QUE AINDA TEM GENTE
QUE PODE SERVIR DE GUIA

SE A MULHER NO DIA-A-DIA
E EU FALO DE CORAÇÃO
COM FIBRA E SABEDORIA
SUSTENTA O BRASIL COM A MÃO
VAMOS MUDAR O RUMO
A MULHER COM O FIO DE PRUMO
APRUMANDO UMA NAÇÃO

MUDAR DO TORTO P'RO RETO
O ERRADO TIRAR DO POSTO
EM SEU LUGAR PÔR O CERTO
EXORCIZAR O ENCOSTO
O FRACO MUDAR P'RA FORTE
E COM UM BOCADO DE SORTE
ACABAR COM SEU DESGOSTO

DO JEITO QUE 'TÁ O MUNDO
PROBLEMA DE FIO A PAVIO
TEM QUE MEXER BEM NO FUNDO
SEM SE ESCONDER NO BARRIL
E O SANTO QUE SOU DEVOTO
ME DIZ QUE É SÓ PELO VOTO
QUE EU POSSO MUDAR O BRASIL

HOMEM, MULHER, NÃO IMPORTA
QUE AO POBRE, AO NEGRO, AO FERIDO
NÃO SE ABRE QUALQUER PORTA
A NÃO SER SE FOR BANDIDO
QUE NESSA TERRA DE ESPERTO
QUEM FAZ ERRADO É O CERTO
DE TER O QUE É INDEVIDO

É DISSO QUE ESTOU FALANDO:
LUTAR P'RA MUDAR O FATO
POIS SEGUIR SE ACOSTUMANDO
TROCANDO LEBRE POR GATO
É TIRAR O TREM DOS TRILHOS
SEM PODER MOSTRAR AOS FILHOS
QUE O BOM VOTO É UM DESACATO

E NESSE PONTO ASSEGURO
COMO QUEM NÃO PEDE NADA
QUE O DESAFIO MAIS DURO
DE ELEGER DEPUTADA
NOSSA ANGELA BARBOSA
É DE FICAR MUITO PROSA
LUTANDO NA MESMA ESTRADA

E o Coxo botou o tridente e a viola no saco
e saiu cabisbaixo...

(Cordel de Campanha Eleitoral
Estado de Goiás - 23/07/2002)

Canto livre sobre sujeito e objeto

(para chegar ao sujeito sanitário)

Desdenho dessa fraqueza
De não saber ao certo
A diferença entre sujeito e sujeito

Ora me dizem sujeito
Como ser subordinado
Dependente, Escravizado
Docilizado, Obediente
Aquele que está por baixo
E segue resignado
A sina a que está sujeito
Sujeitado, acorrentado

Mas não vinga essa aflição
Pois também já me asseguram
Que sujeito é o insurgente
O que se insurge e se liberta
E mesmo tendo deveres
É o titular de direitos
De qualidades e ação
E capaz de dizer não

E sem saber a diferença
Entre sujeito e sujeito
Desdenho dessa fraqueza
E vou criar opinião

Pois vamos ao que interessa
Nessa grande confusão

Se é sujeito o sujeito
Dois na contradição
Há um terceiro sujeito
Aquele que é sujeito
Mas deixando de ser sujeito
É o “sujeito não sujeito”
Que mais do que ser capaz
É o que sabe dizer não

A quem lhe obriga sujeitar-se
À ordem estabelecida
Que o faz subjugar-se
O sujeito não se aflige
E responde com valentia
Ninguém arranca sem troco
A sua cidadania

E p’ra não falar em vão
Se o sujeito é sujeitinho
Desses que falam baixinho
E entre as pernas põem rabinho
Então me diga seu moço
Sem titubeio ou senão
Que diferença se faz
Seja por força ou decreto
Entre sujeito e objeto

Olha só que confusão
Se o sujeito é objeto
Sujeito não é então
Pois p'ra marcar diferença
Sujeito não objeto
É sujeito de afirmação
E não haja objeção

Se entre sujeito e objeto
Há falsa separação
No nosso caso concreto
Adorno não tem razão
Pois objeto é matéria
Cujo sujeito transforma
Por força de sua ação

Assim, nesse argumento
Sujeito só é objeto
Virando coisa ou jumento

Pois feita a separação
Entre sujeito e objeto
Vamos ao outro senão

Em pleno Estado Moderno
Domínio da Cibernética
Vigora uma dialética
Cheia de antagonismo
Dois sujeitos novamente
Colocados frente a frente
Com sentido diferente

Um, sujeito de direitos,
De caráter liberal
Sempre individual
Cidadão obediente
À nova ordem burguesa
Sempre sentado à mesa

Outro, sujeito da praxis,
De caráter marxista
Fruto da luta de classes,
Coletivo, inconformado
Pronto a virar a mesa
Mudar o jeito do Estado

Mas, se nessa ladainha
Você sujeito apressado
Acha que o papo acabou
Vai ficando sossegado
Porque apenas começou
O sujeito nessa rinha

Em matéria de saúde
Sujeito foi sempre objeto
Sujeito ao receituário
Objeto do esculápio

Se o sol é centro de tudo
No modelo heliocêntrico
Adivinha quem é sujeito
No idem medicocêntrico

Nesse nó que não desata
Faz desfeita e desacata
Medicina curativa
Paliativa e insensata
Surge uma voz ativa
No clamor de Alma-Ata

No choque de dois modelos
Médico e Preventivista
Arrepiaram os cabelos
Da lógica privatista
Sujeito e não objeto
Emerge dessa conquista

E pouco tempo depois
Mesmo com parcimônia
Um sujeito da saúde
Comparece à cerimônia
Que mesmo sem mesa farta
Se serve de Ottawa a carta

Parece que se desenha
Um novo sujeito ativo
Com certo empoderamento
Sem ser apenas passivo
E mesmo se alguém desdenha
Do novo acontecimento
Algo novo se faz vivo

Do acesso à informação
À liberdade de escolha
No papel mediador
Criar oportunidade

E verter habilidade
No poder inovador
De cada comunidade

Já nos confirma Ayres
Se “sujeitos são diálogos”
O sujeito da saúde
Pode ser determinado
Sem sobressalto ou horror
No encontro dialogado
Entre o sujeito cuidado
E o sujeito cuidador

Também Lacaz assinala
Que o sujeito assinalado
Na saúde coletiva
Tem na ação política
Seja lá qual for a via
A bandeira da utopia
E mantendo a sua crítica
Bem mantém a chama viva

Nesse papo lesco-lesco
Vindo do fundo do armário
Chegamos ao fim do treco
Com o sujeito sanitário

Se já temos argumentos
Mesmo insuficientes
Abriremos novas frentes
E novos enfrentamentos

O tal sujeito sanitário
É sujeito de mancheia
Tem todos os predicados
Já antes assinalados
É firme e não titubeia
No seu caminho diário

Pois se lhe cabe a utopia
De criar a nova via
Inédita ideologia
Em outra categoria
Resolve a nossa aporia:
Sanitária-cidadania

De ser que sabe saber
Sabe p'ra mais fazer
Faz para mais saber
E se sabe é melhor ser

Então para terminar
Deixar de legado o feito
Não vamos mais alongar
Vamos direto ao conceito

O sujeito sanitário
É sujeito de direitos
E segue a ordem jurídica
Mas na ordem da política
Vigora a superação
É sujeito de uma praxis
E toda transformação

É sujeito de diálogos
E de espaços criador
Que além de criativos
E intersubjetivos
Faz do conhecimento
O seu mais novo pendor

E traz no seu embornal
Do SUS a lição ideal
De tirar o palavrório
Do controle social
Tornar emancipatório
O direito liberal
Empunhar nova verdade
Com plena dignidade

Assim, meus caros ouvintes
Encerro essa lengalenga
Quem sabe em dias seguintes
Curamos essa pendenga

Rio de Janeiro, 4 de outubro de 2012

opção

eu acho

miséria uma palavra mais feia que **boceta**

peessoas em geral me dizem que eu sou desbocado
quando pronuncio a palavra **boceta**
peessoas em geral não me dizem que eu sou desbocado
quando pronuncio a palavra **miséria**

por isso

eu acho

que as pessoas acham

boceta uma palavra mais feia que **miséria**

mas

eu acho

miséria uma palavra mais feia que **boceta**

em virtude deste fato

eu gostaria de defender meu ponto de vista
por achar

miséria uma palavra mais feia que **boceta**

não pretendo entrar no mérito de seus significados genéricos
pois se assim o fosse eu teria argumentos
suficientes para provar que
miséria é uma palavra mais feia que **boceta**

tampouco

pretendo entrar no mérito de seus efeitos fonéticos
pois se assim o fosse eu também teria argumentos
suficientes para provar que

miséria é uma palavra mais feia que **boceta**

argumentar quanto ao mérito de suas importâncias
para o milagre da vida

seria, do mesmo modo, provar facilmente que

miséria é uma palavra mais feia que **boceta**

em termos de escolher uma delas como companheira
em qualquer situação e evidentemente
miséria é uma palavra mais feia que **boceta**
(também não é o caso)

meu argumento básico no sentido de defender meu ponto
de vista
por achar
miséria uma palavra mais feia que **boceta**
é muito simples:

por não haver uma sem outra
ou outra sem uma

acabo tendo que conviver com as duas
e no convívio permanente com ambas
não tenho a menor dúvida de que
miséria é uma palavra mais feia que **boceta**

pois que o cotidiano persistente me dá mostras sobejas
de que se não houvessem palavras para definir objetos,
coisas, sentimentos e traquitanas
mas, tão somente,
sensações sutis de bem-estar para defini-las
eu continuaria não tendo a menor dúvida de quê.

1998

peitos

Dizem que eu tenho fixação por cu.
Só porque já fiz uns poeminhas de cu.
Também dizem que sou fixado em boceta.
Só porque escrevi uns poeminhas de bocetas.
Se eu fizer um poeminha sobre piroca
vão dizer que sou fixado em piroca.

Por isso declino.

Mas no que sou fixado mesmo é em peitos.
Peito p'ra lutar contra a miséria.
Peito p'ra enfrentar a injustiça.
Peito p'ra desafiar a pilantragem, a bandidagem,
a corrupção, a discriminação,
a sacanagem na coisa pública.
É nos peitos estufados das pessoas destemidas
que eu encontro motivos para a minha fixação.
E é a elas a quem dedico meus poemas.

2012

Gente (03/01/1980)

ME CHAMAM DE GENTE
PORQUE TENHO PELOS
E TENHO GARRAS E TENHO DENTES

SOU TIDO POR GENTE
PORQUE ME MOVIMENTO
E SALIVO MUITO E ME ALIMENTO

ACHAM QUE SOU GENTE
PORQUE ME ENFUREÇO
E TENHO SEDE E SUBO E DESÇO

MINHA FAMA É DE GENTE
PORQUE FUJO
OU ENFRENTO OU CORRO
E ME LIMPO E ME SUJO

E SOU GENTE SE DESMAIO
OU ME ENFRAQUEÇO
SE CAIO OU TROPEÇO

MAS ESPEREM!
QUE SE PENSO
E NÃO ME CALO, AFINAL,
SOU TIDO COMO ANIMAL!

Declaração Universal de Direito ao Amor

06 de novembro de 2011

Art. 1º - Todo ser humano terá direito a amar e ser amado, independente de sexo, raça, cor, idade, convicção religiosa ou política, condição social ou econômica, distância geográfica ou qualquer outro impedimento racional, físico ou metafísico.

Art. 2º - Todo amor será recíproco ou, na sua impossibilidade, será possível que o seja em algum momento, para que a diferença fique ao encargo do tempo, da esperança ou de ambos.

Art. 3º - Todo amor valerá a pena e será infinito enquanto dure e deverá obedecer ao que dizem, o que disseram e o que dirão todos os poetas do amor, homens e mulheres, de todas as raças, todos os credos e todas as nacionalidades durante todo o tempo em que dure a eternidade.

Art. 4º - Todo amor será iniciado por algum sentido, seja o olhar, o cheiro, a voz, o gosto ou o toque, mas será continuado pelo sentido indefinido e infinito da alma plena.

Art. 5º - Todo amor fará verter lágrimas de emoção, de alegria ou mesmo de tristeza, mas que seja como for, serão as lágrimas que adubarão o reflorescimento de cada rosto humano.

Art. 6º - O direito ao amor terá leis próprias, em que são proibidos o ódio, a vingança e a maledicência, e são obrigatórios o cuidado, o carinho e a ternura.

Art. 7º - Todo amor trará novas descobertas para o caminhar da vida e será compartilhado na busca incessante do quão melhor será o próximo passo.

Art. 8º - Todo amor será livre de barreiras, fronteiras, preconceitos e senões e dele só se falará em seu nome se corpo e alma se fundirem, se olhos lacrimejarem juntos, se mãos se entrelaçarem no orgasmo, se o peito apertar na ausência, se as bocas se fundirem a cada beijo, se cada um daqueles que se amam não se importarem de morrer desse direito.

Art. 9º - O direito ao amor fará das pessoas que se amam, segundo esta Declaração, sorrirem ao pensar nas pessoas amadas, ainda que seja na saudade ou na lembrança.

Art. 10º - Fica decretado nesta Declaração que o amor é o sentimento mais fundamental da existência humana e sem ele não há qualquer sentido na vida das pessoas.

